

DIVER

CILDALFE



As manifestações
artísticas, religiosas,
culturais e esportivas
que quebram barreiras e
estimulam a pluralidade

DIVER

REVISTA

AVALIAÇÃO DE EXCELÊNCIA NO MEC

- UNAERP - Top 5 Melhores Universidades Particulares do Estado de São Paulo.
- O curso de Jornalismo completa 50 anos de história, formando profissionais que atuam nas principais emissoras de televisão, rádio, revistas, jornais, assessorias, sites de internet e mídias digitais do país.
- 10º melhor curso do Brasil e 3º melhor do estado de São Paulo na avaliação do MEC.

JORNALISMO UNAERP



**RE-PENSE
O MUNDO**

**PROCESSO SELETIVO
SEMESTRAL**

**INFORME-SE
UNAERP.BR**



EPIDEMIA DE DIVERSIDADE

Isabela Vidoto

Na edição da Revista Buzz deste ano, prezamos por destacar as várias faces da diversidade, principalmente em Ribeirão Preto e região. Desde que nos conhecemos por gente, crescemos em uma sociedade cheia de diversidades e é isso que nos torna únicos e molda nosso caráter. Quando crescemos, nosso senso crítico vai aparecendo e podemos distinguir o certo e o errado, formamos nossas opiniões de acordo com o que vivemos e aprendemos a respeitar as diferenças em relação ao próximo.

A edição, aproveitando a recente realização das Olimpíadas, abordou as várias faces do skate, que antes era segregado e taxado como ícone dos marginalizados. A matéria “O Skate pelo Skate” aborda a história do skate em Ribeirão Preto, mostrando sua marginalização e a evolução do esporte, que agora se tornou a sensação entre crianças e jovens. Porém, para muitos atletas, esse “hype” na modalidade acaba prejudicando os atletas mais conservadores, pois faz com que o skate perca seu real significado – o estilo de vida.

Na revista também são abordadas as várias faces das religiões. Para muitos, as únicas religiões aceitas são as mais tradicionais, como a católica, espírita e evangélica. Nesta edição, podemos ler sobre outras religiões que

vêm crescendo e são tão importantes quanto as usuais. Abordamos a Ayahuasca, Wicca, também há relatos de histórias de fé que levaram à cura de doenças, conforme relato na matéria “Graças à Novena”, que conta a história de Melanie, uma criança que teve a leucemia curada.

Também analisamos as questões culturais. São abordadas as várias formas da música clássica, o teatro e suas modificações devido à pandemia de coronavírus, a arte da fotografia, documentaristas, busologia e, também, a questão da representatividade dentro das campanhas publicitárias. O futebol sempre foi associado aos homens com muitos casos de preconceito, o mais comum deles é o machismo. A matéria “Torcedoras Fiéis” mostra como o futebol amador combate esse preconceito, já que há torcidas organizadas totalmente por mulheres e a participação delas não é apenas na torcida, mas sim, dentro do time também, seja na comissão técnica ou nos bastidores, tradição essa, que passa de mãe para filha, ajudando a quebrar tabus.

Escrever sobre diversidade é uma missão árdua, que requer muito cuidado e estudo, pois corre-se o risco, muitas vezes, de ofender alguém ou algum grupo, mesmo sem ter a intenção. A edição da Buzz deste ano quebra tabus, mostra novas realidades, reforça a importância da diversidade para a sociedade e conta histórias incríveis que nem sempre são valorizadas.

EXPEDIENTE

Buzz – Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp. Projeto Interdisciplinar da sexta etapa de graduação em Jornalismo.

Reitora da Universidade de Ribeirão Preto:

Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão – Graduação:

Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

Coordenação do Curso de Jornalismo:

Prof. Geraldo José Santiago

Professores responsáveis:

Murilo Pinheiro, João Flávio de Almeida e Jefferson Barcellos

Apoio: **Gabriel Bordonal**

Produção: alunos da sexta etapa do Curso de Jornalismo

Repórteres /Fotógrafos:

Ana Clara Lopes de Albuquerque, André Ventura Bettarello, Bruno Cesar dos Santos, Cárila Covas, Daiane Filippin Marcolino, Enrico Santos Canducci Molina, Gabriel Francisco Marcelino, Gabriel Lopes Idalgo, Henrique Escher Genestreti, Isabela Aparecida Vidoto, Isabella Rigolin Bianchi, João Gabriel Pivetta

Pala, Karla Rodrigues da Silva, Larissa Fernandes Cardoso, Laura Fernanda de Oliveira, Léia Geralda Oliveira, Lidia Maria de Castro Mattos, Livia Macario da Silva Barbosa, Liz de Almeida Velocci, Luís Henrique Santana Alves, Marina Parada Silva, Marissa Mendonça de Sousa, Matheus Miletta Barros Silva, Michael Borges De Oliveira, Miguel Mathias dos Reis, Paulo Ricardo Gimenez, Pedro Ribeiro Ferro, Vinicius da Silva Pinto, Vinicius Ferreira Seco Botelho, Vitória Quintero Conrado

Crédito Capa: **Vinicius Botelho**

O teor das matérias publicadas nesta revista é de responsabilidade dos autores, não representando, portanto, a opinião da instituição mantenedora.

Impressão:

Distribuição: gratuita

Versão digital e estendida: www.jornalismouaerp.com.br

UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Curso de Comunicação Social

AV. Costábile Romano, 2.201 – Ribeirão Preto

CEP 14096-380 – Ribeirão Preto – SP

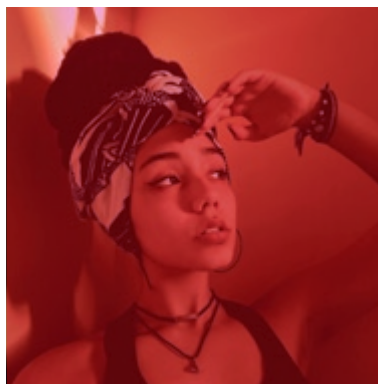
Fone: (16) 3603-6749/3603-6716

<http://jornalismouaerp.com.br/http://unaerp.br/>

IN

DI

CE



4

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

COMPORTAMENTO

- 6** Amor contra o preconceito – *Gabriel Marcelino*
- 8** Amélia de Verdade – *Marina Parada*
- 10** A complexidade do capacitismo – *Michael Borges*
- 12** As cotas da inclusão – *Enrico Molina*
- 14** A arte drag queen – *Marissa Mendonça*
- 16** A naturalidade na raiz do cabelo – *Laura Oliveira*
- 18** Tranças com raízes – *Luis Henrique Santana Alves*
- 20** A inclusão na publicidade – *Livia Macario*
- 22** Paixão por ônibus – *Miguel Matias*
- 24** Agrofloresta combate à fome – *Paulo Ricardo*
- 26** Estilo de vida – *Vinicius da Silva Pinto*

CULTURA

- 28** Os sobreviventes do café – *Isabella Bianchi*
- 30** Paixão sem fronteiras – *Karla Rodrigues*
- 32** A arte pelo olhar feminino – *Larissa Fernandes*
- 34** Cantores de música clássica – *Leia Oliveira*
- 36** O maracatu em Ribeirão – *Lidia Mattos*
- 38** Por trás das câmeras – *Pedro Ribeiro Ferro*
- 40** Revolução teatral – *André Bettarello*
- 42** A arte de fotografar – *Gabriel Lopes Idalgo*
- 44** De volta à rota do turismo – *João Pala*

RELIGIÃO

- 46** Floresta das religiões – *Ana Clara Albuquerque*
- 48** Graças à novena – *Isabela Vidoto*
- 50** A bruxaria pelo bem – *Liz Velocci*
- 52** Renascimento da medicina ancestral – *Matheus Miletta*

ESPORTE

- 54** A dança da superação – *Daiane Marcolino*
- 56** O basquete sobre rodas - *Henrique Escher*
- 68** O orgulho de ser paratleta – *Vinicius Botelho*
- 60** A paixão pelo skate – *Bruno César Santos*
- 62** Amador por paixão – *Cárla Covas*
- 64** Torcedoras fiéis – *Vitória Conrado*

O AMOR CONTRA O PRECONCEITO

Com amor e cumplicidade, casais interracialis enfrentam juntos o preconceito que muitas vezes vem dos próprios familiares

Gabriel Marcelino

Segundo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), a maioria das pessoas não-brancas no Brasil vivem em um relacionamento interracial, algo que não impede situações de preconceito. O relacionamento entre pessoas de diferentes etnias voltou a ser pauta na mídia internacional quando a cor do filho de Meghan Markle, a duquesa de Sussex, e do príncipe Harry, virou foco de discussão dentro da família real, gerando a revolta da opinião pública. O preconceito direcionado para casais inter-raciais é presente em todo mundo e o Brasil também se insere nesse contexto. O país conhecido como o mais miscigenado do mundo também é visto como um dos mais racistas por 84% da população mundial, segundo pesquisa da IPSOS de 2018, empresa internacional especialista em pesquisas de mercado e de opinião.

Apesar do grande preconceito visto em território nacional, a estudante de Relações Internacionais, Lavínia Mitsugi, de descendência japonesa, conta que não sentiu esse incômodo no relacionamento com Bruno Pestrini, branco. “Desde que estou com o Bruno, nunca passamos por alguma situação indelicada, acredito que seriam mais as generalizações de alguns conhecidos dele que não sabem o meu nome. Não buscam essa informação e se referem a mim por japa”, conta Lavínia. Apesar de muitas pessoas enxergarem o preconceito apenas em agressões verbais e físicas, essa atitude também é vista como apagamento da cultura de etnias que são inferiorizadas. Lavínia conta que faz questão de trabalhar a cultura japonesa no relacionamento. “Acredito que levo muita coisa da minha descendência japonesa para o relacionamento. Na parte culinária, principalmente, gosto que meu noivo experimente pratos japoneses. Cozinho algo diferente para nós, apesar de ele já estar acostumado com os almoços em família que sempre tem algum elemento da culinária japonesa”, afirma.

O preconceito é algo presente entre casais homoafetivos e quando se soma ao preconceito racial gera grande temor no que essas pessoas podem sofrer. Lillian Perez, mestranda de 24

anos, negra e bissexual afirma que no meio LGBTQ+ não se vê grande diferença no racismo em comparação com o relacionamento heterossexual. “Os relacionamentos interracialis são lidados da mesma forma no meio LGBTQ+ como em todos os outros, pois o preconceito é algo estrutural, infiltrado em todos os espaços”, comenta Lillian. A jovem que namorava uma mulher branca diz que sente a pressão por se relacionar com uma pessoa de outra etnia. “Por estar em um relacionamento com uma pessoa branca, passei por um processo de conscientização sobre a negritude, às vezes, eu me sentia um pouco mal. Me perguntava por que estava com uma pessoa branca, mesmo depois de ter uma consciência racial. É um sentimento que para mim sempre volta, algumas horas penso que não importa e eu faço o que eu quiser, mas em outras vejo um lado mais político e sobre o que isso quer dizer sobre mim”, conta. Ela também revela que as duas conversam sobre as diferenças. “No nosso relacionamento, a gente levava as diferenças mais na conversa, uma vez que ela tinha as questões dela por ser uma mulher que não performa tanta feminilidade. Ela passava por muitas situações de preconceito social e como eu sofria com o racismo, havia muita troca. Apesar de não sentir na pele o que a outra passava, enfrentamos coisas em comum como a rejeição, o preconceito e o preterimento”, explica Lillian.

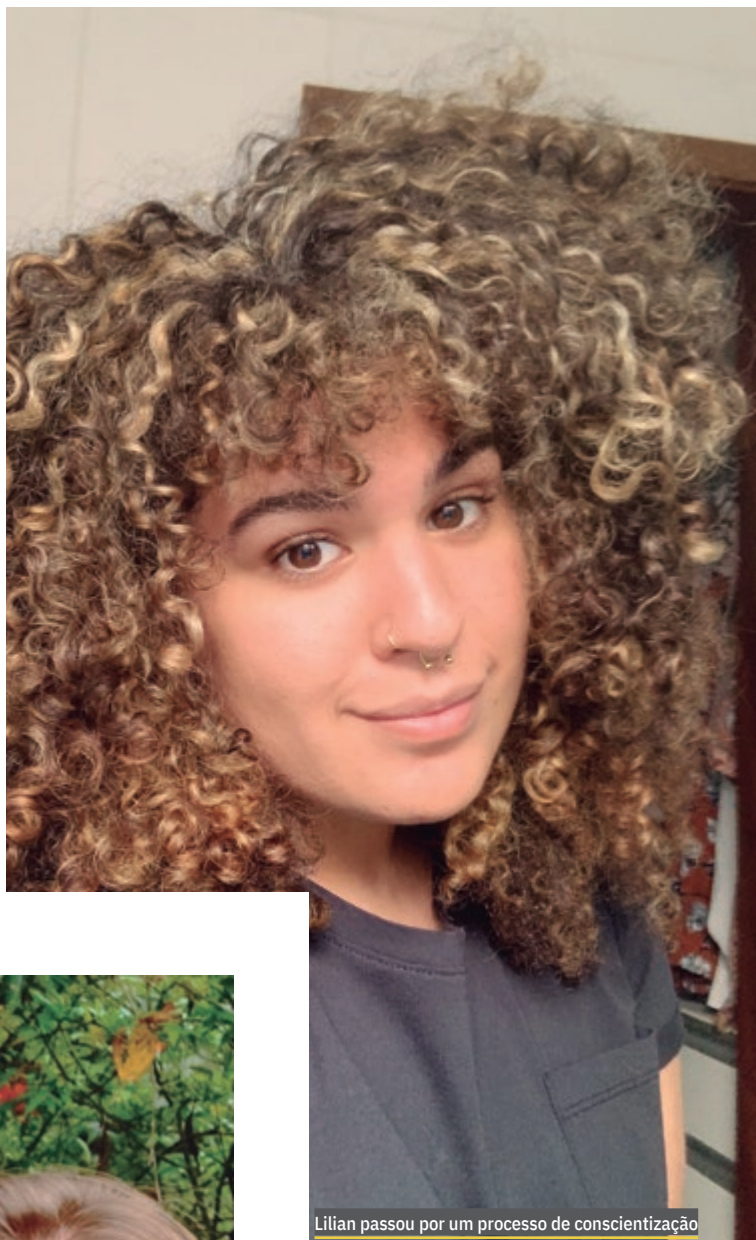
PRECONCEITO NA FAMILIA

Apesar de viver um momento de normalização, em algumas famílias, a discriminação contra esse tipo de relacionamento se propaga por gerações. O estudante negro, Cristian Alexandre, viveu esse preconceito na pele desde criança devido a relação dos pais. “A minha mãe que é branca sempre se considerou superior a meu pai e achou que ele deve algo por ela estar com ele. Infelizmente, ela segue bastante o padrão da sociedade. Tirando o momento em que meu pai comete

6

**BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /**

“ O termo palmitagem é pejorativo, uma maneira de subjugar o negro e o enquadrar como errado por estar com uma pessoa branca e não se relacionar com outra negra por racismo” ”



Lilian passou por um processo de conscientização



Christian e Carina enfrentam os preconceitos juntos

algum erro, ela sempre acha uma forma de relacionar a culpa disso com a cor dele”, conta Cristian. Hoje, ele namora uma mulher branca, Carina Pedersoli e percebe que as pessoas tentam atacar o homem negro que se relaciona com alguém branco. “O termo palmitagem é pejorativo, uma maneira de subjugar o negro e o enquadrar como errado por estar com uma pessoa branca e não se relacionar com outra negra por racismo”, comenta Cristian, acrescentando que a sociedade rebaixa o homem negro que está nessa relação “É como se eu quisesse um status ou como se a pessoa estivesse fazendo uma caridade em estar comigo”, afirma o estudante.

Sua namorada, Carina diz que os dois enfrentam muitos empecilhos no relacionamento. “A discriminação das pessoas em relação a ele se torna um obstáculo. Algumas vezes, meus próprios familiares se comportavam de forma racista. Isso me afastou deles e gerou diversas discussões. Sempre busquei que entendessem o erro que cometiam. Tudo isso gerou um desconforto muito grande para meu namorado e sua família, o que não aconteceria se eu estivesse namorando uma pessoa branca”, explica Carina. ■



Amélia construiu um patrimônio de muito trabalho em seus anos como chefe do departamento de logística da Cianê-Matarazzo

AMÉLIA DE VERDADE

Marina Parada

A mulher que mora há 75 anos em Ribeirão Preto e ressignificou a música de Ataulfo Alves, provando que Amélia é a mulher que vai à luta e conquista seus sonhos

As indústrias Matarazzo se instalaram em alguns locais do estado, entre eles São Paulo, Sorocaba e Ribeirão Preto. Na Califórnia Paulista, havia um grande terreno, com blocos de concreto destinados ao funcionamento da indústria com metros quadrados quase inimagináveis. Centenas de funcionários, que guardam até hoje, com sentimentos diversos, as memórias dos longos anos que passaram naquele local. Localizado no bairro Campos Elíseos, um dos mais tradicionais da cidade, o grande terreno abrigava a antiga fábrica de tecido Cianê-Matarazzo e era também a sede das Indústrias Reunidas Matarazzo, família que veio ao interior paulista direto da Itália e marcou a vida da população ribeirãopretana, que de alguma forma se conecta a época áurea do algodão na região.

A fábrica foi construída na década de 1940 com características da arquitetura considerada moderna, com poucos pavimentos, com um sistema construtivo já avançado e sem qualquer ornamentação ou decoração. Quase um não-lugar, mas ainda muito apreciado pela maioria que ali dedicou anos de suas vidas. Naquele lugar habitavam memórias, movimento, vozes, pessoas e história durante horas do dia. Amélia Maria Michelli, de 97 anos, conta que se sente com o dever cumprido. “Fui uma funcionária exemplar”, relembra. Ela teve um papel importante e fundamental no andamento da Cianê em Ribeirão Preto, trabalhou como chefe do departamento de logística da indústria. “Era sempre a primeira a chegar e por muitas vezes nem tinha hora para sair, principalmente no final do ano quando as encomendas eram maiores”, explica Amélia.

8

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



A antiga fábrica de tecido Cianê-Matarazzo, local onde Amélia construiu uma história de 27 anos

“ Nunca precisei de homem para me sustentar, tudo que conquistei foi com meu trabalho. Acho que até por isso eles não se aproximavam de mim **”**

O dever chamava e ela, sempre pronta a atender, fazia com primor. A ex-funcionária conta que não era uma tarefa fácil, já que era a única mulher no cargo e o machismo imperava naquela época. Um período em que se acreditava que o lugar da mulher era em casa, limpando, cozinhando e fazendo tarefas domésticas. “Tive que me impor e exigir o máximo de respeito”, conta. Amélia relembra que era chamada de “sargentona” pelos funcionários da empresa. “Era a única forma de exercer meu cargo de chefia, sendo que meus funcionários eram exclusivamente homens. Era muito exigente, característica que faz parte da minha personalidade, porém se afrouxou muito por causa da minha função de chefe”, relata.

Sendo uma mulher forte e independente, é visível a consciência e percepção dos fatos que Amélia tem. Ela deixa claro que se orgulha de suas conquistas, que foram todas cultivadas pelo próprio empenho. “Nunca precisei de homem para me sustentar, tudo que conquistei foi com meu trabalho. Acho que até por isso eles não se aproximavam de mim”, relembra.

Amélia Micheli começou sua carreira ainda nova, nos anos 1940. Trabalhou inicialmente nas Fábricas Matarazzo na cidade de São Paulo. Após a morte de seu pai, que nunca

permitiu que ela estudasse e trabalhasse, a jovem decidiu fazer por si só seu caminho. “Arrumei minhas malas e fui morar com um primo na capital, lá me estabeleci na empresa como auxiliar de escritório, em 1945”, conta Amélia.

Por conta de seu bom desempenho no cargo, conseguiu uma transferência para a filial de Ribeirão Preto, que acabara de ser aberta e assim conquistou o cargo de chefia, que permaneceu até sua aposentadoria, em 1972. Naquela época, as mulheres eram ofuscadas pelos seus pais e maridos, só podiam ficar em casa, cuidando dos filhos, fazendo costura e lendo apenas o que era permitido. “Sempre tive horror a uma vida assim. Não se viam muitas mulheres usando calças, isso aconteceu mais nos anos 1970”, relembra Amélia.

Naquele período, as meninas estudavam em “colégio de freira” e não existiam escolas mistas, a educação era eficiente, porém muito rígida. Amélia Maria Micheli rompeu barreiras e enfrentou as mais diversas situações para alcançar seus sonhos e motivações. Conseguiu sair de casa e correr atrás de uma vida melhor e peculiar para a época, por conta de todas as restrições e dificuldades que encontraria pelo caminho, apenas por ser mulher. Mesmo com todas essas situações, ela nunca deixou de sonhar. Se vê hoje, aos 97 anos, realizada e com o dever cumprido, mas ainda guarda no coração momentos que gostaria de ter vivido e aprendido. “Meu maior sonho era ter cursado engenharia, mas meu pai não deixou e após sua morte, e como filha única e mais velha, fiquei com a responsabilidade de ajudar no sustento de casa”, conta Amélia.

Ela guarda com carinho as memórias do que viveu e também do que não conseguiu alcançar. Quando busca em sua mente os detalhes que ficaram na história, vem ao presente o sentimento de gratidão e de realização. “Construir um patrimônio, viajar bastante e aproveitar a vida, isso sim eu consegui fazer. Sou muito grata à Deus e ao meu esforço por ter chegado até aqui”, finaliza Amélia. Ela que andou pelos grandes galpões da Cianê por mais de 27 anos, construiu memórias, afetos, relações e vidas. Hoje relembra da sua história com carinho, dedicação, orgulho e gratidão. ■

A COMPLEXIDADE DO CAPACITISMO

Michael Borges

A palavra pouco conhecida não define somente o preconceito e a discriminação contra pessoas com deficiência

“Ninguém é normal, todo mundo possui alguma deficiência, mas às vezes as limitações não são aparentes”, afirma Mayra Ribeiro. Atualmente, trabalhando como secretária parlamentar e assistente social, a deficiência visual foi apenas um mero detalhe ao longo dos seus 28 anos. Ela conta que o capacitismo é muito mais do que apenas um preconceito e possui vários significados. “As pessoas não perguntam se precisamos de ajuda. Uma vez eu estava andando na calçada e falaram que eu trombaria numa árvore. Já pegaram na minha mão para atravessar a rua sem eu pedir. Não precisamos de ajuda todo momento, isso é capacitismo”.

O termo capacitismo é incomum para grande parte da sociedade e conseqüentemente pouco discutido. Em sentido literal, a palavra significa discriminação e o preconceito contra pessoas com alguma deficiência, seja física ou intelectual. A ausência de

qualquer deficiência é vista como normal e pessoas com alguma deficiência são vistas como algo a ser superado ou corrigido, seja ela com intervenção médica ou não. “Quando comecei a dar aulas, meus colegas de profissão não acreditavam que eu conseguiria por ser cego, que sempre precisaria de ajuda. Houve certa resistência, como se eu fosse incapaz”, conta Fábio Deodato, que tem a deficiência visual de nascença e foi professor da rede pública por 12 anos. Com quatro graduações na bagagem e atualmente assessor pedagógico de educação especial na Secretaria Municipal de Ribeirão Preto, ele afirma que as pessoas com deficiência não querem ser vistas como se tivessem superado algo. “Eu não sou um exemplo de superação, eu sou uma pessoa que com as minhas limitações consegui conquistar tudo que o tenho hoje, como qualquer outra pessoa”.

As pessoas com deficiência ainda enfrentam um grande desafio com a falta de acessibilidade e preparo das escolas e faculdades, o que acaba se tornando um dos motivos para essa população não estar totalmente inserida na sociedade. “Na época da escola, um colega pegou meu andador na aula de educação física e deixou bem longe de mim. Meu professor não fez nada e tive que me arrastar no chão da quadra para poder pegar o andador”, declara Anderson da Silva, que nasceu com um retardamento na coordenação motora e precisa do apoio para se locomover. Conhecido como “Lemão do Andador”, ele se desloca pela cidade com sorriso estampado no rosto, esbanjando simpatia. Por onde passa recebe cumprimentos, motoristas de ônibus até param o veículo no meio da rua para a sua travessia. Aos 39 anos, Anderson trabalha em uma empresa de ônibus, o que explica

conhecer vários motoristas, mas isso não o impede de viver o capacitismo de perto em seu trabalho. “Hoje ainda ouço comentários de colegas do tipo. ‘Sai daí aleijado’, ‘Você não consegue fazer isso’. Eu simplesmente finjo que não ouvi”, afirma.

Mesmo com a Lei de Cotas, que existe no país desde 1991, que objetiva incluir pessoas com deficiência no mercado de trabalho, o preconceito e a discriminação ainda estão presentes no dia a dia profissional. “Trabalhei em empresas que eu não podia fazer nada além do meu cargo, como se eu não tivesse capacidade. Se eu tentava fazer algo a mais me mandavam voltar e ficar sentado, parecia que eu estava ali só para cobrir a cota”, conta Anderson. O Brasil tem pelo menos 45 milhões de pessoas com alguma deficiência, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, sendo quase 25% da população. Ainda que se tenha a lei de inclusão trabalhista, o número de pessoas com deficiência que estão no mercado é baixo. De acordo com dados Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2016, 486 mil pessoas com deficiência estavam com algum vínculo de emprego formal, menos de 1% do total de empregos formais ocupados por brasileiros. “Estamos em pequeno número nesses espaços porque muitos têm o medo de começar e desistir pela falta de acessibilidade. É preciso fortalecer as pessoas com deficiência, debater, trazer o assunto e conscientizar todos os espectros da sociedade”, ressalta Mayra.

Em 2015 foi criada a Lei Brasileira da Inclusão (LBI) que visa à inclusão geral, dando amplos direitos à pessoa com deficiência, plena participação na sociedade e garantias de acessibilidade e direitos fundamentais de cidadão. “Temos várias leis,

10

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



mas precisamos de mais campanhas educativas e inclusão responsável das políticas públicas na prática. Só assim conseguimos uma melhoria de fato”, afirma Fabio. A visibilidade dessa população na sociedade parece pequena perto dos milhares de cidadãos com deficiência que vivem no país. “Precisamos que nossos corpos sejam respeitados e possam transitar livremente. Não é sobre dar vozes as essas pessoas, já temos voz, é sobre parar e escutar o que queremos e temos a dizer. Não basta não ser capacitista, é preciso ser anticapacitista”, declara Mayra.

Expressões capacitistas

Vários termos utilizados diariamente pela sociedade são considerados capacitismo. Palavras e frases como “fingir demência”, “incapacitado” e “inválido” são algumas delas. A expressão “pessoa com necessidade especial” não é mais recomendada, por indicar que o indivíduo tenha alguma necessidade especial, o que nem sempre uma pessoa com deficiência possui. “Através do conhecimento, precisamos evitar certos preconceitos, conscientes ou inconscientes, para combater o capacitismo. É preciso usar termos mais aceitáveis que não atinjam essas pessoas”, explica Thomas Finbow, especialista em palavras e doutor do departamento de linguística da USP.

Atualmente, é recomendado o uso da expressão “pessoa com deficiência”, adotada pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU), que define a deficiência como algo decorrente da junção de dois fatores. A primeira são as limitações clínicas que estão nas pessoas, que podem ser físicas, intelectuais ou sensoriais. E a segunda são as barreiras que estão ao seu redor, seja ela na arquitetura, nos meios de transporte, na comunicação e também no comportamento da sociedade. A deficiência é uma condição social que pode ser minimizada conforme essas barreiras são eliminadas. ■

AS COTAS DA INCLUSÃO

Faculdade de Medicina - USP

Departamento de Ciências da Saúde

Enrico Molina

Após quatro anos da aprovação do sistema de cotas para ingresso no ensino superior pelo Conselho Universitário da USP, as políticas afirmativas promovem a inclusão de alunos oriundos de escolas públicas e aumentam a diversidade na Instituição

Pela primeira vez na história, neste ano, a Universidade de São Paulo registrou maioria de alunos matriculados na graduação que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, um total de 51,7%, equivalente a 5.678 estudantes. Entre eles, 44,1%, ou 2.504 alunos, são autodeclarados pretos, pardos e indígenas, de um total de 10.992 vagas preenchidas. O percentual chega quatro anos após a adoção da política de cotas sociais e raciais na Universidade de São Paulo. Aprovada pelo Conselho Universitário em 2017, a reserva de vagas nas opções Ação Afirmativa Escola Pública (EP) e Ação Afirmativa Preto, Pardo e Indígena (PPI), nos processos seletivos da faculdade teve início em 2018.

As discussões quanto à necessidade de políticas afirmativas para ampliação do ingresso de estudantes de escolas públicas e negros e indígenas na USP, tiveram início desde a década de 90, culminando na criação do programa de Inclusão Social da USP (Inclusp), em 2006, segundo a professora Débora Cristina Piotto, do Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP - USP).

A docente explica que o programa tinha a finalidade de ampliar o ingresso de estudantes de escolas públicas e

negros na Universidade. “Em 2006, a Universidade criou o Inclusp com o objetivo de ampliar o número de alunos de escolas públicas na universidade. A adoção desse programa foi resultado de processo que se iniciou no ano de 1995, quando a universidade discutia a necessidade de medidas que visassem à criação de um sistema para a ampliação de estudantes negros entre seus alunos”.

Progressão

Em 2015, USP aderiu ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu), criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2012, reservando 13,5% das vagas da universidade aos estudantes que prestaram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Segundo a professora Débora Piotto, a adoção do sistema de cotas raciais na USP veio após duas décadas de discussões. “Em 2017, depois de 20 anos do início dessas discussões, a USP aprovou um sistema de cotas raciais que passou a vigorar a partir de 2018, e que em 2021 resultou em metade das vagas ocupadas por estudantes egressos da rede pública de ensino e 44% de estudantes autodeclarados negros e indígenas”.

A instituição, pioneira no debate sobre a necessidade de programas de inclusão para o ensino superior, foi uma das últimas entre as grandes universidades públicas brasileiras a adotar a política, após cinco anos da aprovação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711), em vigor desde 2013 em faculdades e institutos federais.



USP registra pela primeira vez na história, em 2021, maioria de alunos ingressantes oriundos de escolas públicas

Em levantamento da Pró-Reitoria da Graduação (PGR) da Universidade, entre as 42 Unidades da USP, 12 delas não alcançaram o índice de 50% de ingressantes oriundos de escolas públicas, enquanto as outras 30 atingiram a meta. A unidade com maior número de calouros EP e PPI foi a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), com 56,7%, enquanto as faculdades de Medicina ficaram entre as mais distantes da meta de inclusão, com 41,1%.

A pesquisadora Suellen Francine da Silva e Silva explica que os resultados recentes fazem parte de um processo de mudança. “A USP vem de um tardio processo de adoção de políticas de ações afirmativas na modalidade de reserva de vagas para estudantes negros. Só recentemente os dados de acesso demonstram que o perfil dos estudantes está se modificando. Ainda, alguns cursos, como os cursos mais seletivos, ainda têm superioridade de acesso por estudantes brancos”.

Pluralidade

Ainda segundo a pesquisadora, uma maior diversidade entre os alunos da Universidade, além da importância simbólica, é uma condição essencial para a própria produção do conhecimento. “Por todo histórico de seletividade e pela desigualdade que afeta as diferentes oportunidades e condições educacionais dos jovens, a USP é vista como um destino pouco provável. Ter um corpo discente diverso, social e



Para Suellen Silva, a diversidade dos estudantes é condição essencial para a produção do conhecimento

racialmente, é sinalizar que a Universidade é um espaço possível”, explica Suellen Silva.

“Ainda, a diversidade dos estudantes é condição essencial para a produção do conhecimento, pois, coloca em pauta questões que sem a presença destes grupos poderiam não ser abordadas”, completa a mestre em Educação pela FFCLRP e graduada em Pedagogia na USP.

A professora Débora Piotto ressalta que um aumento na pluralidade no ensino superior tem reflexos dentro da sala de aula e na própria instituição. “O fato da Universidade receber um corpo discente mais diverso, faz com que ela tenha de rever vários aspectos de seu funcionamento. Se desejamos ter profissionais que contribuam para a construção de uma sociedade melhor, é preciso que eles conheçam, saibam, convivam com a diversidade e combatam a desigualdade que são as marcas desta mesma sociedade”. ■

A ARTE DRAG QUEEN



Marissa Mendonça

Enquanto algumas drags levantam a bandeira do movimento LGBTQIA+, outras querem somente liberdade para praticar essa arte, levando alegria ao incorporar as personagens

“O mais importante é quebrar todos os tipos de tabus e de preconceitos”, conta Evaristo Moura



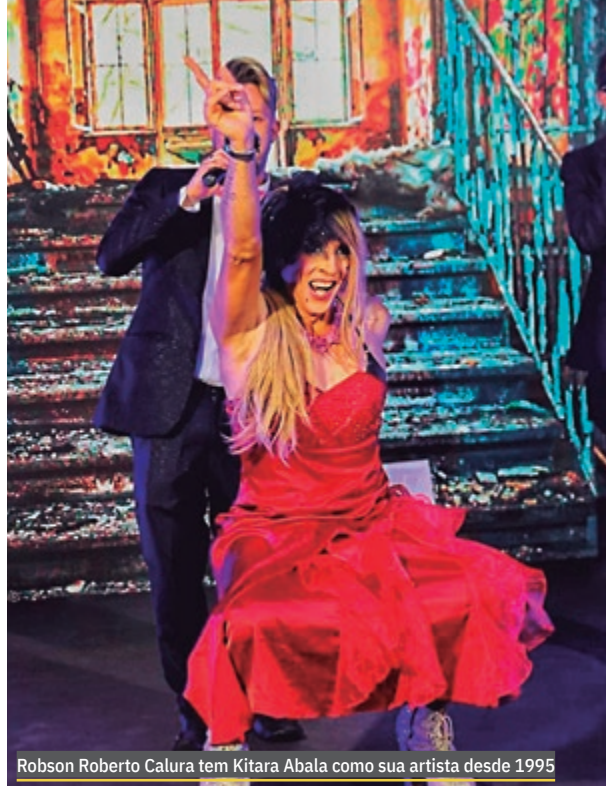
Para Álbner a drag queen Susi Ferrari é uma personagem de humor sem nenhuma ligação pessoal à comunidade LGBTQIA+

Atualmente ser Drag Queen vai muito além de limitar a definição como “homem vestido de mulher”. O conceito de drag pode ser relacionado à arte da cultura LGBTQIA+. Essa performance iniciou nos anos 30, quando bares dessa diversidade começaram a surgir nos Estados Unidos. Homens gays encontraram na manifestação drag uma forma de entretenimento, até um personagem artístico que leva alegria e cor por onde passa, seja no entretenimento ou no ativismo. Hoje, as performances ainda envolvem músicas, dança, maquiagem, brilho, comédia e diversas facetas artísticas que compõem uma drag das mais completas formas de arte, fazendo com que o impacto seja a quebra dos padrões de gênero e de liberdade. O conceito surgiu do teatro, desde a Grécia antiga, no século V, quando os homens usavam vestidos e detalhes femininos a fim de representar este papel nas peças, já que nessa época as mulheres eram proibidas de atuar.

Evaristo Moura, responsável pela Drag Queen La Diva Croquete, uma das pioneiras em Ribeirão Preto, conta que começou quando ainda era criança e brincava de atuar e criar personagens. Na vida adulta, frequentando bares e boates, um dia a drag apresentadora de um bar faltou, o dono era amigo de Evaristo e ele se ofereceu para substituir. Por ser uma Drag Queen preta, sente que a responsabilidade é ainda maior. “Para mim, o mais importante é quebrar tabus e preconceitos para chegar a lugares que possivelmente uma drag não iria. Eu trabalho muito com crianças para contar histórias. Começar da base é uma responsabilidade dobrada, quantas meninas e meninos se sentem representados? Vejo olhos radiantes das crianças e das mães, o carinho e afeto que a personagem traz, isso é o que vale”, ressalta o criador da drag La Diva Croquete.

Robson Roberto Calura, de 40 anos, é jardineiro e paisagista e tem Kitara Abala como sua artista desde 1995. Hoje, a performance não é o seu trabalho fixo, mas vibra com cada oportunidade para levar alegria. “Eu trabalho, eu ralo e deixo meu suor para levar a minha drag para onde eu quiser levar, porque se for pela felicidade e sorriso, minha artista vai junto”, conta.

O dono de Kitara Abala, também uma das primeiras em Ribeirão Preto em 1995/96, começou quando ouvia a Rádio Difusora e duas drags, presentes no programa, se apresentavam em eventos da época. Despertando assim uma curiosidade que o fez procurar as personagens. Logo que surgiu uma amizade vieram também oportunidades na mesma rádio. Depois das participações em eventos e boates como apresentadora, ainda longe da comunidade LGBTQIA+ surgiram oportunidades de conhecer outras pessoas do meio.



Robson Roberto Calura tem Kitara Abala como sua artista desde 1995

Transformação

Robson passou por uma transformação de corpo, mas quase ao mesmo tempo largou a vida de drag. “Naquela época nas baladas Drag Queen, a gente queria ser bem mulher, a ponto de tomar hormônios até chegar a ser travesti”, relembra. Após passar por longos anos com problemas pessoais, em 2018, decidiu que retornaria ao mundo artístico com muito medo do novo público e da nova geração. “Para a minha felicidade e surpresa, fui bem recebida, hoje minha artista faz presença em paradas gays e de 2019 para cá vem fazendo show todo ano”, diz o responsável pela Kitara Abala. Segundo ele, o sentimento de representar o universo das drags traz alegria, emoção e gratidão por não ter desistido.

Já para Álbner Valentino, ator e humorista desde os 15 anos, a drag queen Susi Ferrari surgiu como ato humorístico sem ligação à comunidade LGBTQIA+. Ela é uma personagem de humor, assim como os personagens femininos de Chico Anísio e de outros nomes. “Drag queen é um movimento artístico, nunca foi e nunca será somente sobre orientação sexual como algumas pessoas confundem. É uma pessoa, independente do gênero, que usa fantasias, roupas, objetos ou outro artifício para realização pessoal. Munido (a) desse personagem, é capaz de expor sentimentos com criatividade, expressa em forma de comédia, drama, romance e outros”, afirma Álbner. Susi Ferrari foi concebida para materializar o estereótipo de uma mulher engraçada e forte, sem ofender ou denegrir a imagem do sexo feminino. Ela transita pelo real e o lúdico sem a representatividade de qualquer movimento social. ■

A NATURALIDADE NA RAIZ DO CABELO

Laura Oliveira

*O processo da
transição capilar
busca tornar natural
o que é visto como
exótico, mas a
mudança dever ser
uma escolha e não
uma imposição*



16

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

Vanessa Ventura: “queria ser cientista para inventar a pílula do cabelo liso”

Professora de literatura há dez anos, Vanessa Ventura só quer que seu cabelo seja normal. “Quero que o meu cabelo seja visto como o seu cabelo é visto na rua”. Os cuidados com os cabelos, apesar de ser uma prática antiga, se limitaram por muito tempo a mulheres com cabelos lisos, com várias prateleiras nos mercados com produtos unicamente dedicados a elas. Com a popularização do movimento negro, surgiu a tendência da transição capilar. As mulheres abandonam os químicos alisadores e apostam em cachos naturais, se tornando um símbolo de segurança e liberdade. “Eu me sinto seguro. Hoje posso ser bonito de todas as formas, já tive cabelo trançado, já tive o cabelo raspado. Usei aqueles cortes que a gente raspa dos lados deixa o cabelo em cima, já tive tranças e o dread. Agora, raspei de novo meu cabelo. Eu tive o cabelo black, a primeira vez que eu vi o meu cabelo black na textura, numa coroa, assim que a gente fala, uma coroa, assumi isso e chorei em frente ao espelho. Agora vejo beleza de todas as formas, de todas as experiências e é assim que me vejo hoje”, afirma o publicitário, Evandro de Oliveira.

Com início nos Estados Unidos, o movimento que motivou esse processo ganhou força e muitos adeptos no Brasil. Hoje, nas redes sociais, homens e mulheres de diversas etnias compartilham técnicas de finalização capilar para trocar experiências e compartilhar dicas. Vanessa Ventura fez relaxamentos, selantes e progressivas dos nove aos 27 anos. Ela conta que nunca tinha sentido a textura natural de seu cabelo até a transição, pois sempre que o cabelo começava a crescer, ela gastava as economias na manutenção do procedimento. Depois de um seminário da faculdade sobre o livro “Esse Cabelo”, escrito pela autora portuguesa Djamilia Pereira de Almeida, Vanessa — que fez questão de indicar o livro, juntamente com um dos capítulos do livro “Quem tem medo do feminismo negro?” de Djamilia Ribeiro — começou a se questionar. Não se sentia com propriedade para apresentar o seminário do livro estando com o cabelo liso.

Inspirada pela literatura, Vanessa colocou tranças e em três meses criou coragem e apostou no cabelo natural, deixando para trás os longos cabelos lisos. Após um processo emocionalmente doloroso, sentindo como se a feminilidade a tivesse abandonado, hoje ela só quer que o cabelo crespo deixe de ser tratado como exótico. “Se tem algo que me irrita profundamente é o número de pessoas que não me conhecem e que vem tocar o meu cabelo. Não quero que o cabelo crespo seja visto como algo grandioso, não é essa a questão, a gente quer ser aceita como normal e passar muitas vezes até despercebido”, comenta a professora.

Ditadura da beleza

Há pouco tempo, a ditadura da beleza imposta pela sociedade determinou que o cabelo liso reinava e que tudo o que não condizia com isso era taxado como feio e inadequado. Apesar disso, mulheres como Madam C. J. Walker, primeira milionária nos Estados Unidos, que vendeu uma linha



Evandro diz que hoje se sente seguro de todas as formas

de produtos capilares e cosméticos para mulheres negras, desafiaram os costumes de seu tempo e revolucionaram a vida de muitos homens e mulheres. Com a falta de referências nas mídias, Evandro de Oliveira cresceu tendo como únicos modelos os homens próximos. Por conta disso, o cabelo raspado era uma constante. “Se senti a necessidade de alisar o cabelo? Não, eu não sentia, mas era uma estética que eu queria ter para mim, a gente não tinha referências. Eu adorava o One Direction, aí teve aquela época de Justin Bieber, que jogava o cabelo de lado. Não tinha necessidade, mas era um desejo e acabei seguindo por muitos anos da minha vida”, conta Evandro.

Segundo Iza Sauana Ramos Martins, cabeleireira, salões de beleza especializados em cabelos afros, além de proporcionar uma orientação adequada quanto aos cuidados apropriados, também permitem que os clientes se sintam representados e “em casa”. Iza ainda deixa claro que a transição capilar hoje em dia é uma escolha e não uma imposição, cabendo unicamente a cada um optar pelo liso ou pelo crespo. A escassez de produtos voltados para os cabelos crespos e cacheados era outro problema. Contudo, esse segmento de mercado tem ganhado espaço nas prateleiras e feito parte do dia a dia de muitos cacheados. “Antigamente não tinha nada para cabelo crespo e se tinha não era acessível para a gente comprar”, comenta Vanessa sobre a escassez de produtos. “Creme de fazer relaxamento, de alisar, era barato, a gente colocava o alisante, muitas vezes ficava com o couro cabeludo em carne viva, porque machucava para caramba”, relembra Vanessa. ■

Cabelo liso

“Uma vez eu fui para São Paulo, era carnaval e eu estava com o meu cabelo liso até a cintura, como sempre, a vida toda tive o cabelo liso. Entrei no metrô e tinha uma menininha com a avó, uma menininha negra retinta, ela estava com o cabelinho bem preso como a mãe prendia. Lembro que minha mãe prendia meu cabelo assim, que eu ficava até japonesa. Estava ali na República e a gente ia até a Sé, um caminho longo. Ela passou toda a viagem olhando para mim e para o meu cabelo. Estava com aquele cabelo liso belíssimo que eu tinha até a cintura. Desci do metrô muito triste, porque eu falei assim. ‘Ela está invejando o meu cabelo, ela que ter o meu cabelo’, que foi o meu processo toda vida, de não querer ter um cabelo crespo. Lembro que quando era criança, eu queria ser cientista para inventar a pílula do cabelo liso”.

TRANÇAS COM RAÍZES



Vicky exhibe suas tranças

Luís Henrique Alves

Empoderamento e ligação com as próprias raízes tornaram as tranças cada vez mais populares nos últimos tempos

De origem datada em 3500 A.C., as tranças evoluíram ao longo dos anos e suas formas e estilos foram reinventados com o passar do tempo. Elas são um símbolo social, religioso e de identificação em vários grupos étnicos espalhados pelo mundo. Segundo historiadores, a tradição de trançar teve origem na Namíbia, na África, como forma das mulheres se diferenciarem de outras tribos da região. Segundo a trancista Cristina Sandres, existem vários tipos e modelos de tranças para os mais variados gostos e estilos. As soltas, mais conhecidas como box braids, podem ser feitas em diferentes tamanhos e espessuras, com materiais como jumbo e linha para finalização do penteado. A nagô ou trança raiz são as que ficam “grudadas” na cabeça e que também servem para alongamento capilar através de entrelace e crochet braids. Por fim, existem as Twists, que são como as tranças soltas, porém torcidas e os dreads que podem ser sintéticos, fixos, naturais e também removíveis.

No passado, os diferentes tipos de tranças tinham um papel importante na época colonial. Por exemplo, através delas os negros escravizados conseguiam identificar a qual etnia cada um deles pertencia e também desenhar mapas que ajudassem nas fugas. Hoje, além do valor estético, o penteado é uma forma de resgate cultural, como conta a trancista. “A procura aumentou nos últimos anos por resgatar a cultura negra. Muitas pessoas estão passando pelo processo de transição capilar para voltar ao cabelo natural. As tranças ajudam muito nessa mudança, pois não danificam os cabelos durante o seu processo”. Para Cristina, é importante que as pessoas entendam cada vez mais sobre as tranças, pois a ignorância pode gerar um preconceito bem comum na sociedade. “Até hoje temos perguntas do tipo: pode lavar as tranças? O que indica que muita gente ainda acha algo sujo, inapropriado”. A trancista ainda conta que viu pessoas pedirem permissão no trabalho para poder trançar o cabelo, como se fosse algo que prejudicasse a empresa. “É importante que pessoas famosas, artistas e influenciadores, usem tranças para quebrar esse tabu”, completa.

De acordo com a trancista, o resultado final traz um sentimento incrível, tanto pessoal como para quem faz o penteado. “É muitas vezes um resgate de autoestima para a pessoa. Para mim, é muito gratificante fazer parte da alegria de alguém. Além disso, são horas para trançar um cabelo, acabo conhecendo a vida de cada cliente. No fim, é satisfatório ver o trabalho feito e a pessoa feliz com ele”, finaliza. Já para Vicky SM, criadora de conteúdo digital e social media, a descoberta das tranças aconteceu por conta da família. Ela conta que via a avó fazendo o penteado na madrinha dela quando era mais nova, porém o problema é que o uso das tranças não era por estética, e sim uma forma de esconder seu cabelo natural. “Basicamente ela trançava para que o cabelo não ficasse armado e ela pudesse ir à escola”, revela Vicky. A influenciadora ainda completa dizendo que depois quando cresceram, as crianças começavam a alisar o cabelo e perdiam o interesse pelas tranças, muito por conta do estigma enraizado na sociedade. “Eu nunca alisei e quando comecei a cuidar do meu cabelo afro, fui em salões especializados e ali comecei a ver as tranças como algo esteticamente bonito”. A influenciadora relata que demorou



De tranças e turbante, Vicky se mostra ainda mais ligada à cultura africana

muito até mesmo para achar o cabelo crespo bonito e com as tranças não foi diferente. Vicky pesquisou muito antes de realizar o penteado, pois sabia que cada tipo de trança tinha uma história e uma cultura por trás. “Eu estava com muita vontade de fazer, mas não tinha coragem. Até que quando eu voltei de uma viagem, cheguei em casa e meu pai que é negro havia feito tranças para me encorajar. Depois disso, eu coloquei tranças do tipo Twist, que remetem às de Senegal, com Nagô na lateral, um estilo que traz uma herança de diversos povos africanos. Foi tudo muito pensado”.

O empoderamento do cabelo crespo e de todos os estilos de cabelo afro tem crescido, muito por conta do significado que carrega: luta. Sammy Lemos, musicista, que descobriu as tranças quando estava em transição capilar, diz que o sentimento de quanto está com o penteado é de felicidade, alívio e poder. Já Vicky, conta que a sensação é de pertencimento. Para ela, que usa o cabelo dessa forma há dois anos, é como se estivesse se conectando com as suas raízes e isso torna as tranças ainda mais especiais. “É um sentimento que eu posso ser mais, posso ter o cabelo que balança e bate na cintura, sinto me reconectada com uma história que foi perdida no passado”, revela.

Para as duas, a busca e reconhecimento das pessoas pretas atualmente pelas tranças é algo extremamente positivo, pois vai retirando aos poucos o estigma de que o penteado é algo marginalizado e sujo. Sammy finaliza afirmando que é importante ter orgulho da herança dos reis e das rainhas africanos. Vicky também aborda a ancestralidade na sua explicação sobre a importância desse interesse das pessoas negras pelas tranças. “Elas não usam mais trança para dar caimento ou esconder o cabelo crespo, usam para mostrar que pertencem àquela cultura. Se enxergar de várias formas diferentes, porque os cabelos são plurais e dá para expressar quem você é através das tranças. As pessoas estão demonstrando a sua cultura pelo cabelo”, conclui a influenciadora. ■



A INCLUSÃO NA PUBLICIDADE

Livia Macario

A representatividade nas campanhas publicitárias ainda é alvo de grandes tabus para uma sociedade marcada pelo conservadorismo. Na região de Ribeirão Preto, as agências procuram incluir a diversidade nas campanhas e comerciais

Uma análise feita das campanhas publicitárias de cerveja nos anos 90 e 2000 revelam traços machistas e sexistas com relação à mulher, principalmente à mulher negra. Nessa época, o pouco acesso à informação impedia a sociedade de analisar esse tipo de comportamento de forma crítica. Com o advento da internet, posicionamentos e atitudes, considerados anteriormente “normais”, ganharam visibilidade, levando às ruas pautas de grande importância, tais como a inclusão, o respeito e a tolerância. As campanhas da Skol nos anos 2000 são totalmente diferentes das que são produzidas atualmente. Já na campanha de 2011 da cerveja, a marca criou a “garota do tempo” para que a modelo fizesse a previsão da temperatura. Apesar dos sinais da sociedade, nem meteorologista e nem publicitários poderiam prever essa virada no tempo: as campanhas publicitárias agora apostam na diversidade e na representatividade.

Para César Augusto da Silva, diretor e fundador da CRC Companhia de Modelos de Ribeirão Preto, nas capitais, a agilidade das formas de comunicação na publicidade acontece de forma diferenciada. “Podemos chamar de mais descoladas se compararmos com o interior, mas com a globalização e as redes sociais, essa interação é praticamente simultânea”, diz o diretor. Segundo os profissionais do mercado, essas mudanças em Ribeirão Preto estão em compasso mais lento do que nas capitais, bem mais adiantadas nas campanhas de inclusão. César diz que em uma seletiva, o cliente normalmente

20

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

passa o perfil do elenco a ser contratado, e aí cabe à agência de modelos ter a sensibilidade de buscar dentro do seu casting, processo de seleção, pessoas que se enquadram na solicitação. Ele comenta que os negros e homossexuais ainda são minorias que só se fazem presentes quando uma campanha publicitária é criada já com esse propósito de inclusão ou de se produzir algo relacionado para se cumprir cotas ou estar dentro do politicamente correto.

Wagner Luiz Santos, professor universitário e publicitário, comenta que Ribeirão Preto é uma cidade conservadora, mesmo que timidamente, e que a atividade do publicitário reflete a sociedade. “Não temos campanhas ousadas, pelo menos as que se produzem aqui para serem veiculadas nesta região”. Segundo o publicitário, o espaço para atores e modelos dentro deste segmento ainda são ínfimos. Yasmin Cruz, diretora de Arte na PN Associados, empresa de Ribeirão Preto, conta que desde pequena sua referência eram as paquitas da apresentadora Xuxa. Para ela, pessoas negras, tanto em campanhas publicitárias como em programas ou mídias, não eram tão vistas. “Era como se essas pessoas não existissem a não ser que elas estivessem em um comercial como porteiro ou empregada. Eram sempre nessas condições que víamos pessoas negras, daí a importância da representatividade, para que assim a gente se veja nos lugares”, comenta a diretora. Para o diretor e fundador da CRC Models, a evolução das campanhas, com relação à representatividade, é uma via de mão única que tende a crescer. “Trata-se de uma tendência que deve seguir de forma paralela ao conceito de politicamente correto”, comenta.



Para César Augusto, há uma interação simultânea

Além do merchandising

Yasmin acredita que dentro das campanhas publicitárias a importância é não tratar as chamadas minorias, tanto a comunidade negra como a LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras variações de sexualidade e gênero que fogem da heterocisnormatividade) como seres fantásticos, mas sim como pessoas. Ela percebe que em alguns projetos esses grupos são tratados e expostos como fantasiosos e não reais. Ela, que já trabalhou como modelo aos 4 anos, conta que parou no ensino fundamental e retornou aos 18 anos. “Era bem complicado pegar trabalhos que chamamos de comerciais, voltados para vendas e o público em geral. A agência me classificou como modelo exótica e eu só pegava trabalhos fashions voltados para desfiles ou fotos mais conceituais”, lembra Yasmin.

De acordo com André Almeida, publicitário de uma agência de Ribeirão Preto, o papel da agência é apresentar a melhor estratégia de comunicação. “A partir do momento que a sociedade percebe valor em marcas, produtos e serviços inclusivos, por exemplo, essa característica se torna argumento de comunicação”, acrescenta André. Para o publicitário, a tendência é que a representatividade seja cada vez mais presente, principalmente porque o resultado apresentado nas mídias sociais é significativamente maior quando se tem uma campanha diretamente ligada a uma segmentação bem específica. Para ele, a comunicação precisa ser personalizada e não coletiva, artesanal e não industrial. Wagner diz que tem visto algumas propagandas sendo “totem” do capitalismo. “Ecoa na nossa profissão uma voz que diz algo como presta atenção, se tá na moda vamos explorar”. A sociedade evoluiu à medida que a comunicação evoluiu. Nos anos 50, a televisão impactou os nossos hábitos e consumo, mas eram poucas emissoras em um só sinal”, conclui. ■



Yasmin Cruz diz que foi classificada como modelo exótica



Coleção de miniaturas desenhadas e montadas por Liniker

PAIXÃO POR ÔNIBUS

Miguel Mathias

Chamados de “busólogos”, os apaixonados por ônibus colecionam miniaturas e fotografias dos veículos, além de se reunirem em eventos relacionados ao hobby

Tiago Henrique dos Santos, funcionário público, de 32 anos, morador da cidade de Barrinha-SP, se apaixonou por ônibus quando começou a utilizar o transporte coletivo suburbano diariamente para ir trabalhar. Além de colecionar miniaturas dos veículos, Tiago também gosta de fotografar os ônibus que encontra no decorrer do dia a dia, seu modelo urbano favorito é o Caio VIP 4 e da categoria rodoviário admira o Irizar PB. Apesar dessa paixão durar mais de 15 anos, Tiago afirma que isso não passa de um hobby. “Eu me sinto curioso, em saber detalhes deles, o que diferencia de um modelo para o outro, por exemplo.”

Ele faz parte de grupos de busologia no Facebook e WhatsApp. Tiago e os demais busólogos interagem por meio de encontros e viagens, desta forma conhecem novos lugares e fazem novas amizades. “É uma coisa meio doida até, acho normal, mas as pessoas acham estranho, principalmente quando tiro fotos, mas eu não ligo, é mais forte”. A Busologia é uma atividade destinada a designar pesquisas sobre ônibus e assuntos relacionados a esses veículos (como história, sistemas de transporte, operadoras, políticas públicas, montadoras de veículos, motores e carrocerias) e normalmente é praticada como hobby. Estima-se que no Brasil a busologia se desenvolveu em meados da década de 1970, com apaixonados por ônibus que fotografavam os

22

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

veículos que circulavam nas cidades. O fotógrafo Hélio Luiz de Oliveira é apontado como o primeiro busólogo brasileiro.

Liniker Nicolas de Jesus Costa, de 28 anos, profissional autônomo, residente de Ribeirão Preto- SP possui uma paixão por ônibus que surgiu aos 10 anos de idade, inspirado pelo pai que trabalhou como cobrador e os seus tios que eram motoristas. “Desde pequeno frequentava as festas nos dias das crianças na garagem da empresa”, conta o colecionador.

Por mais que considere um hobby, o amor por ônibus proporcionou a experiência de trabalhar nesta área, quando foi funcionário da empresa de ônibus de Ribeirão Preto-SP Turb. A primeira vivência ocorreu na área de limpeza dos veículos, depois foi para a manutenção de câmeras e bilhetagem e por último a conferência de cartões, dinheiro e estatística. Com o conhecimento do trabalho dentro de uma empresa de transporte público, Liniker passou a enxergar esses veículos por outra ótica: “Quando vejo na rua, sei se já teve um acidente ou algum problema na parte de manutenção”, afirma o ex-funcionário da Turb. Liniker também coleciona miniaturas dos ônibus favoritos que curiosamente foram desenhados por ele mesmo no Photoshop. Quando era pequeno, fazia os ônibus de pasta escolar, agora Liniker produz as miniaturas com papel grande. Antes de sair da Turb, o gerente presenteou o jovem busólogo com os quadros que ficavam na recepção da empresa.

Além de ser apenas um hobby, Fernando Velázquez, de 37 anos, formado em arquitetura urbanista com mestrado em engenharia de tráfego e mobilidade urbana, descreve a busologia como o estudo do ônibus e que pode ser considerada

uma ciência. “Qualquer pessoa que se interesse pelo assunto pode ser considerado um busólogo, desde que busque a fundo todas as nuances deste veículo, que em sua essência, sempre foi destinado ao uso público coletivo”.

Segundo o especialista, existem categorias de busólogos que variam desde a funcionalidade mecânica, operacional e até a parte científica e histórica do veículo. O estudo sobre a ciência, a história e a coleção de modelos em miniaturas e objetos de decoração também fazem parte dos hábitos de alguns grupos. Em algum momento essa paixão pode se tornar objeto de estudo. “A busologia pode ser tornar matéria de estudos, pois se trata de assunto que requer fontes de pesquisa e por ser um modo de transporte que foi inventado no início do século 19. Ele foi destinado ao uso público. Vem do latim “omnibus” (para todos)”, explica Fernando.

A cidade e o transporte público

Na cidade de Ribeirão Preto-SP circulam 2.395 ônibus, no total, sendo que o sistema de transporte público, operado por três empresas possui 345 ônibus que atendem as 117 linhas. Segundo o blog Check my Bus, no Brasil, cerca de 200 mil pessoas estão ligadas diretamente ou indiretamente com a Busologia. Existem grupos de busólogos espalhados pelo país, eles se organizam e se reúnem em eventos que muitas vezes são realizados em parcerias com empresas de transporte. A busologia pode ser considerada uma conexão entre as pessoas e os ônibus. “Entendo que essa relação poderia ser ainda maior se o termo fosse mais difundido e explicado”, complementa o especialista. ■



Liniker trabalhou em uma empresa de transporte público

AGROFLORESTA COMBATE A FOME

Paulo Ricardo

A agricultura familiar desenvolvida no assentamento Mario Lago produz alimentos orgânicos de baixo custo, além de garantir a proteção de mananciais de água potável

Alimentos frescos e orgânicos produzidos de maneira ecológica e familiar abastecem a merenda escolar de Ribeirão Preto e de outras cinco cidades da região, além de proteger importante local de recarga do Aquífero Guarani. A Cooperativa Comuna da Terra conta com cerca de 250 famílias produtoras e se localiza no assentamento Mario Lago do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que fica entre a rodovia Anhanguera e às margens do rio Pardo. Em contraste com a concentração do agronegócio, a agricultura familiar agroecológica apresenta resultados expressivos na redução da desigualdade, têm contribuído na distribuição de alimentos, além de atuar em favor do meio ambiente. No caminho até a sede principal da cooperativa é possível encontrar um grande contraste de paisagens dentro do território ribeirão-pretano. O desvio para o que a princípio parece uma estrada de terra comum, segue para uma extensa via composta por pequenas residências repletas de plantações de hortaliças, legumes, bananeiras, mangueiras, uma imensa variedade de produtos. A região de 1.540 hectares compõe o assentamento Mario Lago, onde residem as famílias associadas ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Toda a colheita produzida semanalmente pelas famílias é coletada e organizada na sede do assentamento em um galpão construído pela comunidade através de mão de obra comunitária. O estilo de vida do assentamento instiga a curiosidade, visto que em contraste com a “terra do agronegócio”, como é conhecida a região de Ribeirão Preto, o sistema de produção agroecológico mostra alternativas na produção de alimentos orgânicos. Diferente da produção modernizada encontrada na região, os produtores da cooperativa utilizam métodos sustentáveis em comunhão com a biodiversidade da região. A agroecologia dispensa o uso de agrotóxicos nas lavouras, utilizando do conhecimento da flora local para combater pragas que afetam a produção. Por exemplo, o Pulgão que em muitos casos atinge o cultivo das hortaliças como a alface, almeirão e a rúcula, é facilmente combatido através do controle biológico com o plantio de uma de uma árvore mais atrativa de nutrientes ao inseto a pouco mais de um metro de distância da lavoura.

De acordo com Zaquie Miguel, produtor do assentamento, toda a colheita da comunidade é recolhida, higienizada e separada semanalmente. Parte da produção é comercializada em formas de cestas agroflorestais, nas quais os co-produtores, como são chamados seus clientes, pagam uma quantia mensal e recebem cerca de 5,5kg de alimentos que podem ser recolhidos em pontos de coleta na cidade ou entregues nas residências por uma taxa adicional. Zaquie conta que o restante da produção é comercializado de acordo com as leis previstas pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que objetiva oferecer alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a todas as etapas da educação básica pública. Com a Lei nº 11.947, de 16/6/2009, 30% do valor repassado pelo PNAE deve ser investido na compra direta de produtos da agricultura familiar. Zaquie conta que “independente se um produtor colheu 3 mangas e outro colheu 50 mangas, o valor repassado da venda será dividido igualmente entre as famílias”. O produtor ainda afirma que “a agricultura familiar e o sistema agro-



24

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



Lucinei Ferreira separa a produção de hortaliças higienizadas e encaixotadas para a distribuição

cológico tem potencial de produzir comida para alimentar a humanidade inteira”.

Cooperativas como a Comuna da Terra, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e iniciativas de agricultura familiar levantam bandeiras quanto à soberania alimentar. O movimento defende medidas e leis que fortaleçam o apoio público à produção campestre que mostra resultados no combate à pobreza e à fome no Brasil. Desde a reinstalação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea), em 2003, a preocupação com a segurança alimentar é assegurada pela Lei nº 11.346/2006 que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN). O artigo quinto prescreve que “a consecução do direito humano à alimentação adequada e da segurança alimentar e nutricional requer o respeito à soberania, que confere aos países a primazia das decisões sobre a produção e o consumo de alimentos”. Em meio às diversas ações do Consea, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em conjunto com o PNAE, são programas que constituem uma solução em respostas aos problemas de insegurança alimentar no país, agravados pela pandemia do covid-19. De acordo com Paulo Eduardo Moruzzi Marques, professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, “assistimos nos últimos anos ao desmonte do PAA e do conjunto dos dispositivos de políticas públicas direcionadas à agricultura familiar.” Segundo ele, a extinção do Consea nos primeiros anos do atual governo federal representa um fechamento de portas para a participação social na concepção e gestão de políticas públicas de segurança alimentar. ■



O produtor explica que mesmo com a seca e a diminuição das chuvas, o solo continua úmido por conta do ciclo biodigestivo dos nutrientes e materiais biológicos

ESTILO DE VIDA

Vinícius da Silva Pinto

O skate como estilo de vida das pessoas que não executam as manobras em cima de uma prancha como uma modalidade esportiva

O skate se diferencia de outros esportes a partir do momento que ele também é considerado estilo de vida para muitos e não uma modalidade esportiva. Nas competições, ninguém torce contra, todos querem ver o sucesso do outro skatista. Raul Augusto, praticante de skate street, diz que “o skate como estilo de vida não conta como competição, quando você está andando de skate, se desliga do mundo, torce pelo outro, para que ele consiga realizar a manobra com sucesso. O skate é uma família, diferente de outros esportes”. Quando um skatista consegue realizar uma manobra, os que estão em volta vibram e comemoram junto com ele. O apoio entre os praticantes é nítido, todos incentivam o movimento e não somente como modalidade esportiva. O skate significa a união entre povos e culturas diferentes. O skate é um estilo de vida que forma seres humanos. “Eu fiz a maioria das minhas amizades através do skate, dando rolê, treinando e até mesmo em outras cidades”, conta Raul.

Antes de o skate ser considerado uma modalidade esportiva, ele já foi marginalizado, principalmente no Brasil. “Houve uma época em que era proibido andar de skate, tem lugares que até hoje tratam a gente com hostilidade, às vezes desanima”, diz Matheus Daniel praticante de skate. Por volta dos anos 60, o skate foi considerado crime no Brasil, o Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo foram as principais cidades onde ocorreram prisões e as perseguições de skatistas. Thiago Souza, responsável pelo projeto de skate em Cravinhos, conta histórias que seu pai enfrentou na época que o skate era proibido. “A prática do skate em ruas, em praças e em calçadas



Raul Augusto executando manobra em rampa vertical

era totalmente proibida. Meu pai conta que na época sofreu agressão da polícia, só por estar voltando para casa de skate”.

As Olimpíadas serviram para dar visibilidade, mas não são todos os praticantes que apoiaram a exposição por não verem o skate como uma modalidade esportiva, mas como estilo de vida. “O skate não é uma competição, é você estar presente no dia a dia, andando com os amigos. Os campeonatos de skate não são feitos para colocar um skatista contra o outro, e sim incentivar. Você ganha shapes, rodinhas, tênis, boné, camisetas entre outras coisas e não só uma medalha. As competições servem para incentivar as pessoas a conhecerem e também ajudar quem pratica. “Nos campeonatos em que estive, os mais novos ficavam felizes por ganhar peças, porque são caras, uma medalha não ajudaria um skatista novo”.

Depois das olimpíadas, as lojas venderam mais equipamentos. “As crianças começaram a ter vontade de andar de skate ao verem brasileiros no pódio. Com isso, foram atrás de material para poder andar. Na pista de Cravinhos, você encontra pessoas novas começando a aprender. Com isso, os lucros das lojas aumentam naturalmente”, afirma Thiago. Não são todos os lugares que possuem uma estrutura adequada para que as pessoas pratiquem o skate como hobby. “A rua é o espaço necessário para que as pessoas pratiquem o street. Corrimão de empresas, escadas e as guias, só isso já é o suficiente, por isso chama street, para nós qualquer coisa é um obstáculo”, conta Matheus. Para alguns praticantes, as Olimpíadas transformaram o skate em um esporte comercial,

onde pessoas começariam a lucrar com algo que por muito tempo foi marginalizado.

O skate foi criado nos EUA por volta de 1950, teve como primeiro objetivo divertir os surfistas da região da Califórnia, que não podiam praticar o esporte devido à falta de ondas nas praias. Com isso, surgiu a ideia de criar algo que lembrasse o surfe, um protótipo de prancha com rodas. Passou a ser chamado de skateboard a partir dos anos 60, quando alguns skatistas acostumados com a modalidade criaram uma identidade. Com o passar do tempo, o esporte se desenvolveu. Surgiram os equipamentos para garantir a segurança dos praticantes. A popularidade veio nos anos 80. Na mesma época surge uma “lenda”, Tony Hawk, conhecido por fazer do skate um estilo de vida e por não fugir dos desafios.

A vivência com o skate mostra que a união entre amigos, em uma volta na cidade, ajuda na saúde mental e na prática de esporte, pois o skate possui diversas possibilidades, seja praticando street, park ou somente como um hobby. Matheus conta que a maioria dos seus amigos foram feitos a partir do skate, andando, assistindo competições e também em eventos. Esses praticantes mostraram que o skate não é algo comercial. Alguns atletas se recusaram a ir às Olimpíadas, um protesto contra o skate como modalidade, quebrando as raízes. “É muito fácil querer ganhar dinheiro agora que o skate está em alta, só nós sabemos o tanto que sofremos até o skate ser aceito, precisamos de parcerias e incentivo para dar continuidade ao skate”, encerra Thiago. ■



Raul pratica na pista de Cravinhos

27

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

OS SOBREVIVENTES DO CAFÉ

Museu do Café, em Ribeirão Preto, que está
fechado e abandonado desde 2016

*Uma análise sobre a identidade
do interior paulista na literatura
brasileira do século XX, seus
personagens e como a paisagem de
época não mudou tanto assim*

Isabella Mengelle

28

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

Caipira deriva de “caipora”, do Tupi, e significa “morador do mato”. Este caipira pode ser o sertanejo da caatinga. O caboclo da Amazônia. Vaqueiro do Pantanal. Gaúcho dos Pampas. Caiçara litorâneo. E é também o caipira regional, figura clássica do interior paulista retratada de tantas maneiras na literatura. A identidade do brasileiro enquanto povo e como cultura já foi objeto de diversas obras literárias ao longo dos anos. Mas foi durante o romantismo, mais precisamente no final do século XIX, que o regionalismo e as questões pertinentes às diferentes composições sociais começaram a ser explorados pelos autores da época. De forma embrionária, a primeira obra a incutir a figura do caipira no interior no imaginário popular brasileiro leva o nome de uma imagem bastante conhecida na cidade de Ribeirão Preto: “O Tronco do Ipê”, de José de Alencar. “Essa obra, publicada em 1881, faz com que o leitor entre em contato com os ‘vales temperados do Paraíba’ e com o sujeito que está lavrando café nas fazendas. O



que a gente percebe é que esse livro consegue internalizar, na estrutura do romance, o olhar que foge do urbano e dá para gente uma noção de como é esse sujeito. Como estamos falando de romantismo, esse sujeito é idealizado. Perfeito. Um estereótipo importante do brasileiro”, conta Valmir Saldanha, professor de literatura e doutorando em Estudos Literários pela UNESP Araraquara.

Mas é com Monteiro Lobato que o interior paulista e seus habitantes ganham maior importância literária. O autor, conhecido pela obra “Sítio do Picapau Amarelo”, é responsável pela criação de um dos personagens mais marcantes e mais representativos da literatura brasileira: Jeca Tatu, que faz sua primeira aparição no livro “Urupês”, publicado em 1918. “Urupês” é um livro de contos e crônicas que surge na derrocada da era do café no interior, a partir do descontentamento do próprio Monteiro Lobato com a situação nas fazendas. “Estamos próximos, aí, do crash da bolsa, em

1929. Lobato se revolta contra os ‘caboclos’ e caipiras, que segundo ele, são responsáveis pelos constantes incêndios no campo. É um cenário muito parecido com o que a gente tem hoje, na limpeza de terrenos de cana”, explica Valmir. Jeca Tatu é, portanto, o representante desses caboclos, trabalhadores do campo e sertanejos típicos. “Jeca é um personagem lento, que não gosta de trabalho, não tem cultura e é, no fim das contas, desnecessário. Para Lobato, esse cara só atrasa o Brasil e não está preocupado com nada. Posteriormente ele se retrata, dizendo que o Jeca Tatu não ‘é’ assim, ele ‘está’ assim, creditando os problemas do personagem à questão de saúde pública. Mas antes de se retratar, ele fortalece a imagem de que esse cara, que é responsável pela cultura cafeeira, só atrasa o Brasil. Logo, a própria cultura como um todo também é considerada um atraso”, diz o professor.

O espaço é personagem

As obras de literatura regionalista do século XX são de vital importância para que seja possível enxergar as semelhanças da sociedade da época com a atual. O espaço, nos livros, revela cidades onde a concentração de poderes estava na mão de poucas famílias e toda a economia girava em torno da monocultura. Ribeirão Preto era, no início do século passado, “a capital mundial do café” e atualmente se destaca como pólo sucroalcooleiro. Para o professor de história Luiz Alexandre Ribeiro, esse é um comportamento tradicional da região. “A quebra da bolsa, em 1929, foi o início do fim da cultura cafeeira, mas o golpe mortal aconteceu com a crise do petróleo, durante a ditadura militar. Foi a partir da criação do Projeto Pró-Álcool, no governo Geisel, que a paisagem regional mudou, e atualmente você só vê cana desde Uberaba (MG), até Limeira, chegando forte a região de Ribeirão”. Segundo Valmir, esse comportamento foi escrito nos livros e bastante criticado também. “Enquanto no romantismo tínhamos uma ideia mais louvável dos personagens, no pré-modernismo o discurso se torna mais realista. Há uma crítica ali que atinge muito mais a elite do que o caipira. Essas elites interioranas da literatura não mudaram com o tempo, e continuam até hoje sem se preocupar com o futuro, sempre trocando a monocultura por aquilo que está na moda”. ■

O que somos?

“Será isto, realmente, o que nós somos? Não seria o povo brasileiro mais do que esse espécimen do caboclo mal desasnado, que não se sabe ter de pé, nem mesmo se senta, conjunto de todos os estigmas de calaçaria e da estupidez, cujo voto se compra com um rolete de fumo, uma andaina de sarjão e uma vez d’aguardente?”

Rui Barbosa, 1919

Jeca Tatu no cinema

A figura de Jeca Tatu foi tão forte que refletiu no cinema. Em 1961, Amácio Mazzaropi lançou “A Tristeza do Jeca”, fazendo uma releitura do personagem que também incutiu características regionais importantes na imaginação brasileira, como a moda de viola e a fama de “contador de causos”, que permanecem muito fortes até os dias de hoje.

PAIXÃO SEM FRONTEIRAS

Karla Rodrigues

Manifestação cultural japonesa, anime e mangá, influenciaram pessoas que cresceram nos anos 90 e no início dos anos 2000

Nostalgia, palavra que significa saudades de algo, de um estado, de uma forma de existência que se deixou de ter, desejo de voltar ao passado. Normalmente essa palavra é usada para se referir à infância, fase em que quase tudo é fantasia. Por causa da magia de um mundo diferente, alguns chegavam atrasados na escola e outros iam embora o mais rápido que conseguiam, tudo isso para acompanhar o episódio do anime – desenho animado japonês – favorito. No intervalo das aulas, o assunto era o capítulo do dia anterior. Conversar sobre qual personagem era melhor acalentava as discussões. Após as aulas, os amigos se reuniam para brincar ou fazer um trabalho, mas quando o relógio marcava quatro horas da tarde, todos paravam em frente à TV para ver ‘Os Cavaleiros do Zodíaco’. A descrição acima é muito parecida com a infância do publicitário Saulo Michelin, 41. Ele lembra que o desenho, lançado em 1994, foi importante para a abertura da cultura pop japonesa no Brasil. “Foi um boom imediato. Depois dos Cavaleiros do Zodíaco, os animes ficaram mais conhecidos”, afirma.

Fascinado pela cultura japonesa, Michelin passou a frequentar a banca de jornal para comprar revistas desse universo. Os conteúdos eram variados, havia, inclusive, sugestões de mangás – histórias em quadrinhos de origem japonesa – que ainda não tinham chegado ao Brasil. Com a curiosidade decidiu comprar os produtos. “Eu importei em japonês. Nessa época, comprei 11 volumes e esperei nove meses para chegar”, relembra o publicitário. Hoje em dia, ele tem mais de quatro mil títulos diferentes. A coleção tem revistas e histórias em quadrinhos japonesas dos anos 90, e clássicos, como Lobo Solitário e Dragon Ball. A paixão pelos mangás é tão grande que ainda na infância resolveu aprender a desenhar igual aos quadrinhos que tanto admirava. Foram anos de estudo para aperfeiçoar os desenhos. Hoje, domina diferentes técnicas e ensina para crianças e adultos. Professor há



Os animes e mangás do estilo shonen, categoria destinada a jovens e a crianças que gostam de história de ação, são os mais consumidos no Brasil

quatro anos, ele diz que os mais velhos gostam de ilustrações realistas, enquanto as crianças preferem os traços característicos japoneses. “Para as crianças, o anime e o mangá estão na moda, acho que não vão sair de moda nunca”, relata.

Mais que um desenho

Outro artista influenciado por esse universo foi Pedro Henrique Gonçalves, 22. A sua jornada com a cultura japonesa iniciou aos sete ou oito anos, ele não se recorda direito, mas lembra com exatidão o anime responsável pela entrada nesse mundo da fantasia: Os Cavaleiros do Zodíaco. Como o desenho passava de manhã, no horário de sua aula, ele enganava o motorista da perua. Quando o perueiro passava, Pedro escondia a mochila e acenava dizendo que não ia. “Eu falava para minha mãe que ele tinha atrasado, só para assistir aos Cavaleiros do Zodíaco”, conta. O gosto pelo anime começou a ficar cada vez mais forte. Passou a assistir vários deles, como Naruto, Berserk e Bleach. Cada desenho marcou de uma forma diferente. Em Bleach, por exemplo, a história de Ichigo Kurosaki o ensinou a lidar com os sentimentos em momentos difíceis. “A minha família tem uma doença um pouco complicada, eu tive que desenvolver uma maturidade muito cedo e Bleach me ajudou a enxergar a tristeza de outra forma”, afirma. A doença chamada distrofia muscular da cintura pélvica atingiu o pai e os tios dele. “Ver uma pessoa parando de andar, ficando presa na cama e dependente de um aparelho para respirar durante a noite, junto com o divórcio dos meus pais, foi totalmente bagunçado”.

Já para o operador de caixa Artur Bosco Neto, 36, o anime foi importante para lidar com uma fase em que, segundo ele, estava dando tudo errado. “Eu perdi trabalho, namorada, tive problemas em casa e tive a famosa crise dos vinte poucos anos”. Quando assistiu Naruto, ele achou interessante o tema



abordado pelo anime. O personagem principal, com o mesmo nome do desenho, era rejeitado pela vila em que morava e queria se tornar hokage (líder da aldeia) para ser reconhecido. “Ninguém levava ele a sério, eu me identificava muito com isso”, explica. O anime ajudou a enxergar a vida com outra perspectiva. Naruto aborda muito a empatia, resiliência e a força de vontade. “Até hoje eu lembro de muita coisa que eu li e que me marcou”, diz. O que encanta Artur é a forma como o anime e o mangá são trabalhados. “Eu acho uma forma muito sensível e ao mesmo tempo muito profunda. Eu não vejo isso em séries ou em filmes”, completa.

Universo otaku em Ribeirão Preto

Em Ribeirão Preto, antes da ascensão da internet, os fãs de animes e mangás – conhecidos como otakus – se reuniam para assistir aos desenhos japoneses, mas com a facilidade de acessar os conteúdos, os encontros perderam a força. Para o empresário Tiago Barboza Borges, 38, o que chama atenção nos eventos atualmente são os dubladores. “O Brasil é um dos primeiros lugares do mundo com a melhor dublagem. Tem várias pessoas que ficaram marcadas pela dublagem em animes”, informa o empresário. Na cidade, o evento que reúne os dubladores dos desenhos animados é o Ribeirão Preto Anime Fest. “É um evento comercial, você encontra concursos, desfiles de cosplay e lojas especializadas”, explica Borges. Outra celebração que atrai os fãs da cultura japonesa é o Tanabata. Com foco na cultura tradicional do Japão, a programação tem atrações de danças folclóricas, músicas tradicionais, artes marciais e outras apresentações que visam fortalecer a cultura japonesa na região. ■



Desenho em vetor feito pelo publicitário Saulo Michelin

31

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

A ARTE PELO OLHAR FEMININO

Larissa Fernandes

Música, macramê, artesanato e pintura são algumas manifestações que as mulheres usam para se expressar e lutar contra preconceitos e discriminações



Desde 2014, Kim aprendeu a fazer mandalas intuitivas

32

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

Jéssica Karine de Paula, mais conhecida como Kim, de 26 anos, conta que se encantou pelo universo da arte desde criança, época em que já gostava de pintar e desenhar. Com facilidade para fazer trabalhos manuais, a recém-formada em psicologia fez de tudo um pouco: filtro dos sonhos, camisetas, macramê, tie-dye e até miçangas. Quando entrou no cursinho, em 2014, percebeu um novo talento através da intuição: “nessa época descobri que eu sabia fazer mandalas. Meus desenhos não eram pensados, só ia rabiscando e a saía alguma coisa, sempre foi muito intuitivo”, afirma Kim.

Com o passar do tempo, a artista passou a pintar em madeiras e com o interesse de muitas pessoas que gostaram dos desenhos, começou a vender as mandalas. “Depois recebi o convite para pintar paredes. Fiz mandalas e desenhos em várias pa-

redes, como por exemplo, na parede da Estação Mangueira. Também faço quadros, mas nunca são planejados, são feitos nesse processo intuitivo.” Em relação ao cenário da pandemia, Kim utiliza o ambiente virtual para comercializar os trabalhos, além de usar a arte como uma válvula de escape para expressar os sentimentos. “Com a pandemia, tive muita energia que não tinha como escoar, comecei a pintar loucamente, é algo que me ajuda a colocar para fora o que estou sentindo, sentimentos que até eu desconheço”, comenta a artista.

Bartira Sene, de 22 anos é uma mulher negra, cadeirante, cantora, compositora, pianista, professora e atuante na luta pela representatividade de pessoas negras e com deficiência. Seu interesse é pela música lírica. Nascida em uma família de artistas, ela conta que a arte fez parte de sua vida desde cedo. “Meu pai é músico e minha mãe bailarina, eu soube que ia ser musicista desde pequenininha. Fui fazer aulas de piano com 13 anos e comecei a cantar no coral da escola com oito anos. Há cinco anos me encontrei no canto lí-

mas ainda existe muita gente que ainda não sabe lidar.”

Bartira também lembra das dificuldades que passou com pessoas que não acreditaram no seu potencial nos palcos. “Já ouvi muita gente falando que eu não conseguiria exercer o papel de ópera, que eu não me movimentaria no palco. É mentira, posso me movimentar com a cadeira no palco, bem plena. As pessoas têm dificuldades para entender que quero seguir esse caminho, um lugar onde a sociedade pensa e assume que é só para um homem branco e velho ocupar”, critica a cantora. A pianista cita uma de suas inspirações preferidas, a cantora Inaicyrá que mistura o gênero lírico com canções de orixás. Um estilo que ela gosta muito, chamado canto lírico de diaspórico. Ela afirma que se sente livre cantando o que gosta: “quando descobri esse lado da música, meus olhos brilharam” afirma Bartira.

Para Graziela Expedito, o método artesanal macramê foi a salvação para ajudar a enfrentar o isolamento social. Com pouca demanda no trabalho, que estava no home offi-



Bartira se encontrou na música lírica



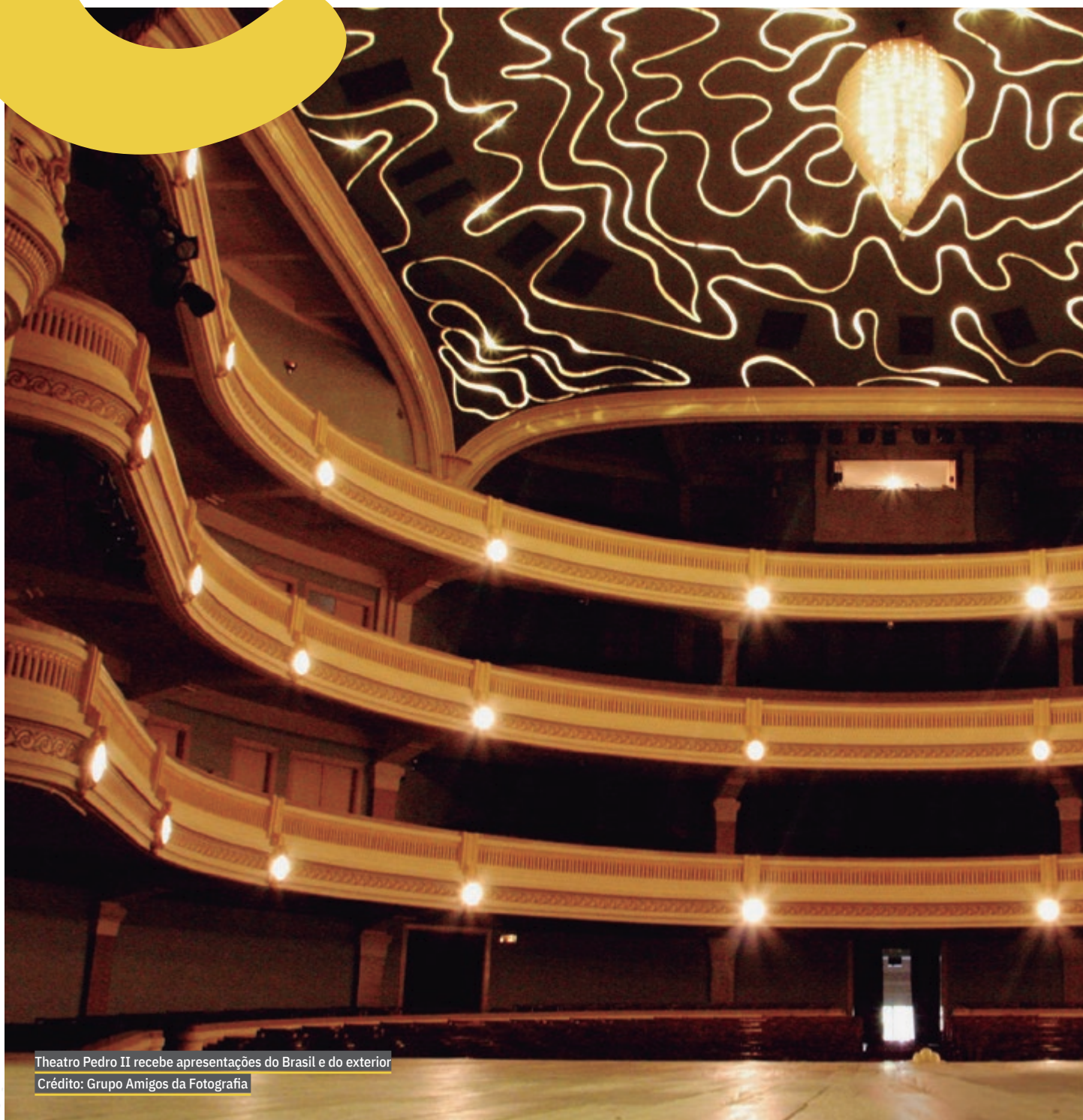
Graziela descobriu no macramê uma forma de falar do feminismo

rico. Entrei para uma companhia de música de Ribeirão Preto e em nove meses ingressei na faculdade de música.”

A artista descreve a experiência de conhecer o cenário da música clássica, considerado por ela, um ambiente elitista e conservador. “Existem muitos artistas que são preconceituosos e cabeça fechada. Eu cresci em um mundo de música popular, meu pai é negro e minha mãe é branca, vivi no meio da militância. Quando entrei para o mundo da música, levei um choque, é uma competição gigante”, afirma Bartira. Com o preconceito e o pensamento limitado vindo de artistas que atuam nessa área, a cantora ressalta que ainda existem muitas pessoas que não sabem lidar com a diversidade no mundo da arte. “Tive problemas por causa do meu físico, a técnica do canto é muito regrada para algumas pessoas da mente mais quadrada. Meu corpo não funciona igual ao de todo mundo, eu vou cantar sentada. Também tive a sorte de encontrar professores incríveis que valorizam a diversidade do meu corpo,

ce, a nova artesã ganhou alguns barbantes de uma amiga e passou a assistir tutoriais na internet até aprender a fazer. Formada em Letras e dona de dois gatos, Graziela, de 30 anos, afirma que nunca fez nenhum curso e que o processo criativo se inspira em algumas artesãs que segue nas redes sociais. “Vejo algumas peças no Pinterest, vou assistindo alguns tutoriais, imaginando também o que posso fazer com cada nó e disso saem algumas peças com as quais me identifico. Não gosto de fazer cópias, acredito que cada um pode dar identidade a sua própria peça.” Nesse processo de criação, Graziela teve a ideia de fazer peças de macramê, reproduzindo corpos femininos, como por exemplo, seios e vaginas: “A partir dos nós percebi que dava para reproduzir o corpo, fiz uns testes e deu certo. Talvez um ato de reflexão sobre nossos corpos, especialmente a vagina que nós temos resistência a olhar, sentir, tocar. Poder vê-la como arte e perceber a beleza que temos, é quebrar essa resistência e repulsa de outras pessoas também”, enfatiza a artesã. ■

CANTORES DE MÚSICA CLÁSSICA



Theatro Pedro II recebe apresentações do Brasil e do exterior
Crédito: Grupo Amigos da Fotografia

34

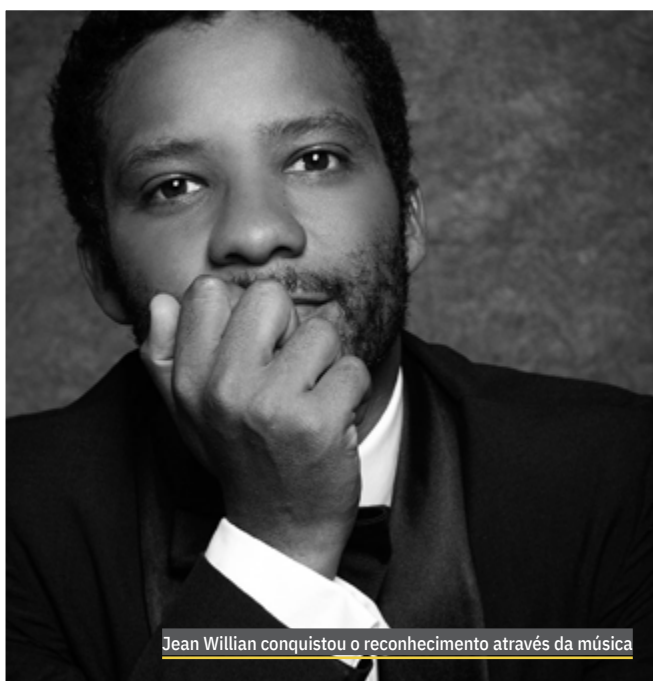
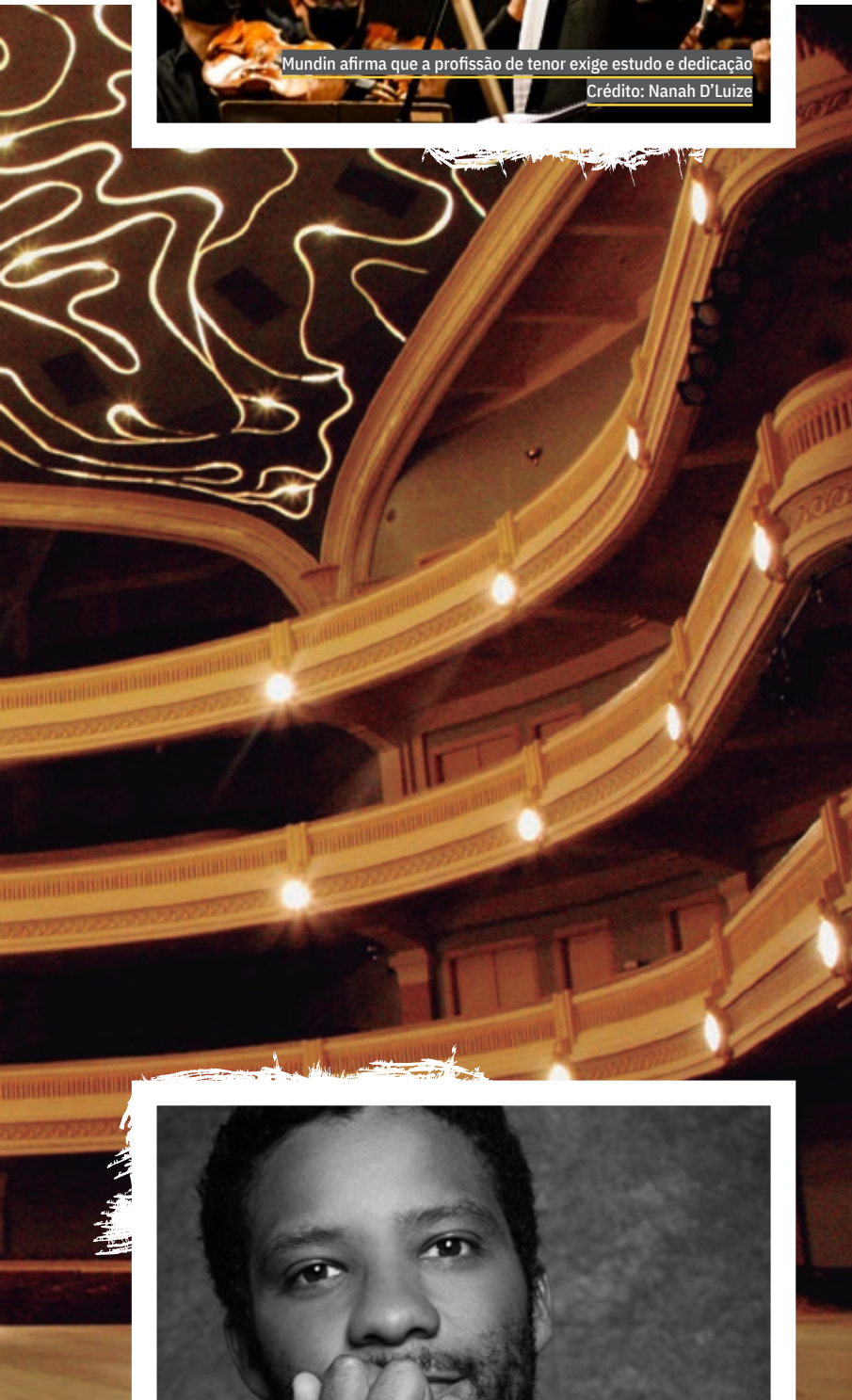
BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

Dois tenores famosos da música clássica, Jean William e Ramon Mundin, contam como descobriram seus talentos e a paixão pela arte

Léia Oliveira



Mundin afirma que a profissão de tenor exige estudo e dedicação
Crédito: Nanah D’Luize



Jean William conquistou o reconhecimento através da música

Apesar da pouca popularidade, a música clássica encanta uma determinada parcela da população. Os tenores Jean William e Ramon Mundin compartilham a paixão pelo gênero. Além da dedicação à cultura clássica, os tenores iniciaram as carreiras musicais quase da mesma forma: ambos tiveram a família como ponto de partida.

William ingressou na carreira musical quando era jovem, influenciado pelo avô, o músico cantava na igreja e na escola. Mundin conta que a música e a arte sempre fizeram parte da sua vida, mas o encontro do artista com a música clássica ocorreu após escutar um CD do cantor italiano Luciano Pavarotti, presente que recebeu do avô.

Após receber uma bolsa de estudos para canto em um conservatório de música, William descobriu o gosto pela música clássica. “Sempre gostei de cantar e a professora ensinava canto lírico”, explica o tenor que está no meio musical há 12 anos. O cantor que já se apresentou para celebridades como o Papa Francisco e esteve em mais de 13 países, ressalta que o mundo musical abriu diversas portas e apresentou inúmeras oportunidades. Assim como ocorreu na carreira de William, o também tenor Mundin viu sua realidade se transformar através da música. O cantor que já participou de um concerto com a orquestra bachiana e o conhecido maestro João Carlos Martins analisa a função do tenor como uma profissão que exige muito empenho. “Requer muita disciplina, muito estudo, é uma constância de vida”, explica o tenor que se sente realizado com a profissão e busca transmitir ao público o sentimento presente na música quando recebe uma partitura para interpretar.

Cultura Erudita em Ribeirão Preto

“Ribeirão Preto possui uma vivência musical muito grande”, salienta William ao lembrar de um dos marcos culturais da cidade, o Teatro Pedro II, que se transformou em referência e centro de acontecimentos políticos e sociais, recebendo grandes companhias teatrais e operísticas do exterior. No entanto, mesmo que presente no Brasil antes da chegada da Família Real ao país, a constante associação do gênero da música clássica à alta classe da sociedade criou uma ideia de inalcançável que afeta também os artistas. Para Mundin, “um cantor de ópera precisa entender sobre arte, ter boa fundamentação musical e conhecer a história da música”. Segundo o especialista em sociologia da cultura, Marco Antônio de Almeida, os processos de formação geral deixam a desejar quando se trata do ensino da cultura clássica. Essa ausência nos processos afeta diversas etapas, William acredita que o “investimento é escasso, os artistas precisam acumular funções como de artista e de empresário”. ■

O MARACATU DE RIBEIRÃO



*Grupo de Maracatu em Ribeirão Preto
encanta por meio de ritmos, danças e
viagem introspectiva*

Lídia Mattos

Maracatu tem a ver com o sorriso, com as batucadas, vibrações, cortejo, dança, tradição e chapéu de sol. Criado por mulheres, durante o carnaval no interior do bloco carnavalesco Alegões, de 2008, nasceu no berço ribeirão-pretano, o primeiro grupo de maracatu de Ribeirão Preto, o Chapéu de Sol. Algumas dessas mulheres são Sumi, Arlinda, Renata, Poliana, Carol, Júlia e Bazinha, que foram aprender as primeiras batidas e loas do maracatu em Pernambuco, em especial nas cidades de Recife, Olinda e Igarassu, onde se encontram alguns das mais importantes nações e mestres de maracatu, dentre eles a principal nação que inspirou o Chapéu – o Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu.

Desde o início, o grupo de maracatu do baque virado, ainda com poucos instrumentos, era convidado para realizar apresentações. Na cara e na coragem, ainda durante o processo de aprendizagem sobre o maracatu e estilos de percussão, o grupo encantava o ouvinte por meio dos ritmos, das ondas sonoras que transpassam a energia de um para o outro, que leva o apreciador para uma viagem introspectiva. Segundo Mauricio Puntel Fiori, professor de artes e dirigente do grupo, o nome Chapéu de Sol é inspirado em uma árvore conhecida como amendoeira ou sete-copas, encontrada nesta região. “É uma homenagem à cidade de Ribeirão Preto por ser uma árvore frondosa e muito bonita, que dá frescor e uma grande sombra, que abriga e protege de certa forma. O grupo escolheu esse nome por conta desse calor da cidade. As pessoas do grupo estavam se sentindo protegidas e refrescadas nessa sombra que o Chapéu de Sol tem”, explica.

Os primeiros ensaios tiveram a batuta de Carlos Tampa, músico e percussionista pernambucano que vive na cidade. Esse coletivo intitulado Chapéu de Sol aderiu ao maracatu de baque virado que traz na base do repertório as toadas e as loas das canções Estrela Brilhante de Recife, Estrela Brilhante de Belasul e Leão Colorado. Como grande apreciador do projeto, o tocador de alfaia, Ivo Polônio Siqueira, de 56 anos, explica que no início, tentou recusar participar do grupo achando que não gostaria, mas não teve jeito, assim que decidiu ir, foi amor à primeira vista. “Descobri o maracatu através da minha esposa que já estava tocando no grupo, e ela insistia para que eu fosse. Hoje, faz três anos que mi-

nha vida foi preenchida pelo maracatu, desde a primeira batida. Ele me fez mais perto do coletivo, do poder da cidadania e das vozes. Isso tudo me fez levantar bandeiras que sempre respeitei, mas nunca as levantei, como a homofobia, machismo e racismo”.

Em meio a pandemia da Covid-19, em 2020 e 2021, os encontros e as atividades em grupo que tanto alegravam os dias e aumentavam o ritmo das batidas dos corações tiveram que ser cancelados. Conscientes de que não poderiam se aglomerar por causa do coronavírus, decidiram permanecer apenas com o contato virtual intermediado pela tecnologia, fechando o espaço físico que comportava a energia dos batuqueiros. “Maracatu é uma manifestação de rua e de muita gente. Até fizemos oficinas on-line, gravamos pequenos vídeos para conversarmos um com o outro para manter o nosso elo, mas não fizemos ensaios já que são muitas pessoas no mesmo lugar e era importante dar o exemplo”, comenta Clarice Sumi Kawasaki, uma das criadoras do grupo.

Antes, o grupo se mantinha com os cachês recebidos nas apresentações e projetos que realizavam pela cidade, mas agora, é um desafio viver da própria arte, mesmo utilizando todo o dinheiro para a manutenção e compra de instrumentos, uniformes e adereços. Para alguns, maracatu pode ser apenas um grupo de percussão que toca músicas culturais com roupas e apetrechos coloridos em meio ao calor das ruas e festas carnavalescas. Para outros como o William de Souza, integrante há 10 anos, maracatu é vida. “Ele mudou a forma de entender e respeitar a cultura negra, a cultura popular, aprender a conviver em grupos, respeitar a opinião de cada um. O Maracatu te transforma, quando toca o tambor você arrepia da cabeça aos pés e sente a energia dos ancestrais. Quero tocar Maracatu pelo resto de minha vida, não consigo viver sem, está no sangue, está na alma”, enfatiza.

Para Maurício, o maracatu tem um significado semelhante. “É cultura viva, algo que transcende as linguagens da arte, da ancestralidade, é resistência do povo negro. Maracatu é cortejo, pé no chão, olhar para o lado e entender o outro, energia viva, energia pulsante. Maracatu é algo que está eternizado e contado nas mãos de quem faz o próprio maracatu acontecer e sobreviver. Maracatu é um estado de espírito”. ■



Grupo Chapéu de Sol resgata em Ribeirão Preto a cultura do maracatu



**POR
TRÁS DAS
CÂMERAS**

Trabalhando em parceria, Bretas conseguiu
reduzir o custo de 1538°C: [The Iron Human](#)

Pedro Ribeiro Ferro

Apesar do orçamento ser um fator importante para a produção do documentário, os documentaristas afirmam que a maior dificuldade é encontrar distribuidores para os filmes

Contar uma história através de um vídeo é relativamente simples hoje em dia. Com as redes sociais, pequenas histórias podem ser divulgadas facilmente para o público. Assim como as grandes produções de cinema, os documentários também buscam revelar histórias que impactem e até mudem a visão de mundo do espectador. Nesse contexto, os documentaristas se empenham em apresentar histórias mais humanas e cativantes. Apesar de parecer simples relatar uma história do cotidiano, os documentaristas Lucas Bretas, Milena Maganin e Líria Machado afirmam que, para um documentário, as histórias a serem narradas devem ser relevantes e, de certa forma, impactantes. “Há quem olhe os documentários e diga que aquilo não é um gênero de cinema, mas é sim. Mesmo que a nossa maneira de contar uma história seja diferente e que o orçamento oferecido seja menor se comparado a um grande filme, os documentários são cinema”, conta Milena. Líria acrescenta que os documentários são uma maneira de unir o jornalismo e a área cinematográfica. “Eu adoro a parte escrita do jornalismo, mas quando tive contato com o Projeto DOC da Unaerp, uni minha paixão pelo cinema e pelo jornalismo. Quando eu vi como uma boa entrevista poderia resultar em imagens e estéticas tão bonitas, decidi partir para a área do cinema documental”, relata.

No entanto, produzir um documentário não é simples e nem barato. Apesar do orçamento ser menor que o de uma grande produção, os custos são altos. “Se for possível reunir uma equipe de colegas para produzir o filme, os gastos de produção podem ser menores”, comenta Lucas Bretas. O filme de Bretas, *1538°C: The Iron Human*, que conta a história de superação de um triatleta baleado em 2011, recebeu para produzir aproximadamente R\$ 400 mil do Programa de Ação Cultural (ProAC) e da Agência Nacional de Cinema (ANCINE). Ainda assim, ele relata que conseguiu reduzir os gastos do filme em R\$ 2 mil, trabalhando em parceria com colegas que forneceram os equipamentos de captação de áudio e vídeo.

Para que os documentaristas profissionais recebam financiamento do ProAC, segundo Milena, é necessário que seja apresentado um projeto, cronograma, orçamento estipulado e outras informações sobre o filme em editais disponibilizados pelo próprio ProAC. “Em seguida, os filmes concorrem pelo valor que está sendo oferecido pelo edital. Esses valores normalmente variam entre R\$ 50 mil e R\$ 300 mil”, comenta. Líria, que atualmente reside em Lisboa, relata que para curtas o Instituto de Cinema e Audiovisual de Portugal oferece aos produtores de documentários de 50 a 60 mil euros, o que corresponde a R\$ 314,5 mil e R\$ 377,5 mil. “Os valores variam a cada ano e também dependem de quantos projetos são apresentados”, complementa.

Divulgação e distribuição

Os três documentaristas afirmam que, dependendo do assunto abordado nos filmes documentais, leva tempo para obter fontes de financiamento, mas não é a parte mais complicada. Conseguir equipamentos também não é um problema se reunir a equipe certa. De acordo com Milena, fazer a divulgação e distribuição do filme é a parte mais complexa. “Se

compararmos o tempo de produção do filme e o processo de divulgação e distribuição, o segundo é o mais demorado e difícil. É preciso que o filme tenha uma grande visibilidade e ótima recepção em festivais de cinema para que alguma distribuidora demonstre interesse. Eu e minha equipe reservamos salas de exibição em festivais por dois anos para o filme fazer carreira e, com sorte, ganhar reconhecimento”, descreve ela.

Quanto mais reconhecimento em festivais, chegam contratos melhores com as distribuidoras. A partir disso, comenta ela, é preciso negociar o tempo que o canal ou distribuidora terá para exibir o filme com exclusividade. “Normalmente, os canais e serviços de streaming propõem de dois a cinco anos de exclusividade de exibição e, quanto maior o tempo determinado, maior será a compensação. O [filme] *Ouvidores de Vozes*, por exemplo, foi uma coprodução com o Canal Futura e, devido a isso, eles tinham exclusividade de exibição durante cinco anos”, conta.

A pandemia de Covid-19 comprometeu a produção dos documentários. Bretas relata que o processo de edição do filme demorou mais do que o previsto. “O que deveria ter durado seis meses durou um ano. Sem poder reunir presencialmente para realizar a edição do filme, fizemos adaptações para conversar, mudanças que deixaram o processo mais lento”.

Ao contrário de Bretas, Milena e Líria ainda estavam filmando cenas para os respectivos projetos quando a pandemia começou. As filmagens foram paralisadas, mas mudanças tiveram que ser feitas na retomada. “Para garantir a segurança da equipe e dos entrevistados, mudamos locais de gravação, repensamos roteiros, desinfetamos os equipamentos frequentemente e remarcamos ou cancelamos entrevistas”, conta Milena. “Nesse documentário que estávamos gravando quando a pandemia estourou, havia muitos idosos na lista de entrevistados. Com isso, fomos obrigados a postergar entrevistas até que os entrevistados tomassem a vacina, ou até mesmo desmarcar. Havia situações em que tínhamos planejado ter dois entrevistados juntos para contar a história deles, contudo tivemos que reestruturar a maneira que faríamos as entrevistas”, complementa Milena.

Histórias dignas de documentário estão em todos os lugares, mas, para que isso seja feito com êxito, os documentaristas recomendam que os iniciantes reúnam uma equipe que compartilhe da mesma paixão pelo cinema documental.

Quanto à divulgação, Milena e Líria aconselham que tanto os profissionais quanto os iniciantes levem o filme para o maior número de festivais de cinema possível e/ou apresentem em todos os editais disponíveis. De acordo com Líria, os editais são mais recomendáveis aos iniciantes, pois o contato direto com as distribuidoras é mais trabalhoso para quem está começando. Líria também diz que “publicar os documentários no YouTube não é a melhor estratégia, pois ‘se perdem’ facilmente. O grande público não acessa o canal para assistir aos filmes. Se os documentaristas iniciantes tivessem uma plataforma específica para publicar os filmes, teriam maiores chances no mercado audiovisual”. ■



Artistas mudaram a linguagem do palco

Crédito: Thais Orsi

REVOLUÇÃO TEATRAL

André Bettarello

As tecnologias proporcionaram novas experiências teatrais no momento em que o teatro estava com as cortinas fechadas

Com o aumento dos casos de COVID-19 e os teatros fechados, a arte teatral foi obrigada a passar por mudanças. A atriz e produtora cultural, Nathália Fernandes, afirma que o futuro dessa arte é incerto. “O teatro permanece, mas não será mais o mesmo”, afirma. Em Ribeirão Preto, as mais de 20 companhias e grupos teatrais da cidade utilizaram a tecnologia e o audiovisual para conservarem o fazer teatral durante a pandemia. Cheias de possibilidades, algumas produziram minisséries e curta-metragens, já outras estão descobrindo novas formas de expressão entre o teatro ao vivo e o cinema, são chamadas experiências semico-digitais. Nathália afirma que essas experiências digitais não são como teatro presencial, porque esse é efêmero, e explica que o teatro no digital é muito mais limitante e complexo. “Ele não tem o impacto do audiovisual, como o cinema, por exemplo, nem do teatro presencial”, relata a atriz.

A companhia Boccacione passou por diversos formatos, e depois de muito tempo de estudo, está produzindo uma minissérie. “Na transposição do teatro e do audiovisual existe uma complexidade, até mesmo de estrutura técnica, muito grande”, afirma Nathália, contando que o tamanho da equipe dobrou e o equipamento usado é mais caro e tecnológico. A atriz ainda comenta que percebeu, durante o processo, o verdadeiro tamanho da equipe necessária para produzir uma montagem. “Se antes [no teatro presencial] éramos uma só equipe que fazia tudo, agora somos duas, o elenco artístico e a equipe de audiovisual”.

Outros grupos teatrais da cidade seguiram esse mesmo caminho, como o coletivo Fora do Sério, que está produzindo um filme. A atriz e produtora cultural, Adriana Scannavez,

40

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



conta que foi uma decisão coletiva. “A parte mais crítica foi entender que não daria para começar um processo de montagem de teatro nesse momento”, observa. A produtora ainda acrescenta que vários dos atores do grupo tinham alguma experiência com audiovisual e sua linguagem. “Não realizamos adaptações na linguagem [teatral], escolhemos mudar de linguagem. Consequentemente, muda o processo e a difusão”, afirma Adriana.

Empresa de teatro

A pandemia atingiu a Escola de Teatro TPC de duas formas: como companhia e negócio. O sócio e professor, Noir Evangelista Júnior, constata os impactos dessa mudança. “Tínhamos em torno de 400 alunos há mais de 5 anos e, quando migramos para o on-line, devido à pandemia, os contratos foram se encerrando e esse número caiu para 200”, conta o ator. A escola encontrou duas alternativas para os desafios: as aulas passaram a ser ministradas virtualmente, através das plataformas digitais, e os tradicionais espetáculos de fechamento de ano foram transformados em apresentações de radionovelas em formato de podcast, que utilizava a interpretação e era viável naquele momento.

Na passagem dos cursos para o digital, houve muita adaptação. Noir frisa que não foi um processo sistemático, mas foram aprendendo conforme as situações aconteciam. “Fazíamos reuniões on-line constantemente para saber os erros e acertos de cada professor e aprender uns com os outros”, explica o ator. A companhia ainda disponibilizou diversos espetáculos em seu canal do YouTube para se manter

Nathália aceita o desafio de fazer teatro com uma nova linguagem

Crédito: Rogener Pavinski

na lembrança daqueles que, agora, se encontravam isolados em casa. “Temos estreias de alunos que já estão conosco há mais de oito anos, no nível de teatro profissional. A única diferença é que eles não vivem de teatro”, conta Noir. O ator revela as expectativas para o futuro do teatro. “Queremos muito manter o curso de podcast de radionovela, mesmo quando as coisas voltarem, porque vimos ser uma tendência do futuro. Gostaríamos também de começar uma turma de dublagem, sendo outra tendência que reconhecemos também”. ■

A ARTE DE FOTOGRAFAR

Gabriel Lopes Idalgo

A história e a importância da fotografia para a preservação cultural da cidade de Ribeirão Preto

Ainda se debate o “status” da fotografia como arte, porém não se pode negar que a possibilidade de olhar a imagem pela perspectiva do fotógrafo é algo que desperta a criatividade e os sentimentos, uma foto pode ser capaz de registrar muito mais do que a imagem propriamente vista. Foi pensando desta maneira que surgiu o Cine Foto Clube de Ribeirão Preto. “Essa discussão sobre a fotografia ser ou não ser arte é bastante antiga e bem recorrente no nosso meio. No ponto de vista artístico, qualquer coisa que você faça e utilize para expressar um sentimento, uma visão de mundo, usando de alguma forma uma ‘ferramenta’, pode ser considerado arte. Para formarmos um olhar artístico, precisamos ter domínio dessas técnicas para conseguirmos usá-las como essa maneira de expressão”, diz o dentista e membro do Cine Foto Clube, Ederaldo Veronese.

As fotos de Ederaldo Veronese mostram sua visão de Brasília com distorções planejadas

O Cine Foto Clube foi fundado em 1950 e começou uma “nova era” na fotografia em Ribeirão Preto. Apoiado pelo Cine Bandeirante o Foto Clube é uma sociedade privada sem fins lucrativos, que visa somente incentivar a arte fotográfica e cinematográfica da cidade, participando de diversas exposições e salões nacionais e internacionais, divulgando o nome de Ribeirão Preto. Hoje, o Cine Foto Clube é sócio fundador da Confederação Brasileira de Fotografia. “Quando eu entrei no clube, por volta do ano 2000, ele já era bastante tradicional. Foi o segundo no Estado de São Paulo e um dos pioneiros do Brasil junto com Bandeirantes em São Paulo e tantos outros, que na década de 70, formaram o ‘boom’ de fotoclubismo no país”, aponta Ederaldo.

O Cine Foto Clube, apesar de agregar profissionais da área de fotografia, tem como maioria, pessoas que gostam da fotografia. São “amadores” da fotografia ao pé da letra. O projeto não tem a pretensão de formação de profissionais, mas vale ressaltar a importância da troca de conhecimentos entre os associados que, por vezes, levam os aprendizados no Clube para a vida pessoal e profissional. “Temos uma produção cultural bem grande em Ribeirão Preto. Aqui na cidade, alguns fotógrafos se destacam, mas eu poderia dizer que no passado isso teve um ‘vulto’ muito maior. Alguns grandes artistas passaram pelo Cine Foto Clube como Bassano Vacarini, Francisco e Thor Amendola, dentre muitos outros”, completa Ederaldo. O Clube promoveu feiras, encontros, bienais, exposições coletivas em diversos locais públicos na cidade como shoppings e praças, tentando se manter presente nos mais variados espaços para que essa arte chegue ao máximo de pessoas possíveis

42

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



de uma maneira abrangente. Ultimamente, as mídias sociais estão sendo um suporte para que esses fotógrafos continuem divulgando suas artes e visões particulares sobre o mundo.

Ederaldo ainda conta sobre como conseguiu conciliar sua profissão com a paixão pela fotografia. “Depois de alguns anos, eu ainda fiz uma união do clube com a AORP (Associação Odontológica de Ribeirão Preto) que tinha um departamento cultural. Nesse departamento, eu comecei a trabalhar a fotografia como diversão para os associados, como um ‘algo a mais’, e não somente a questão técnica da odontologia”.

A CIDADE E A ARTE

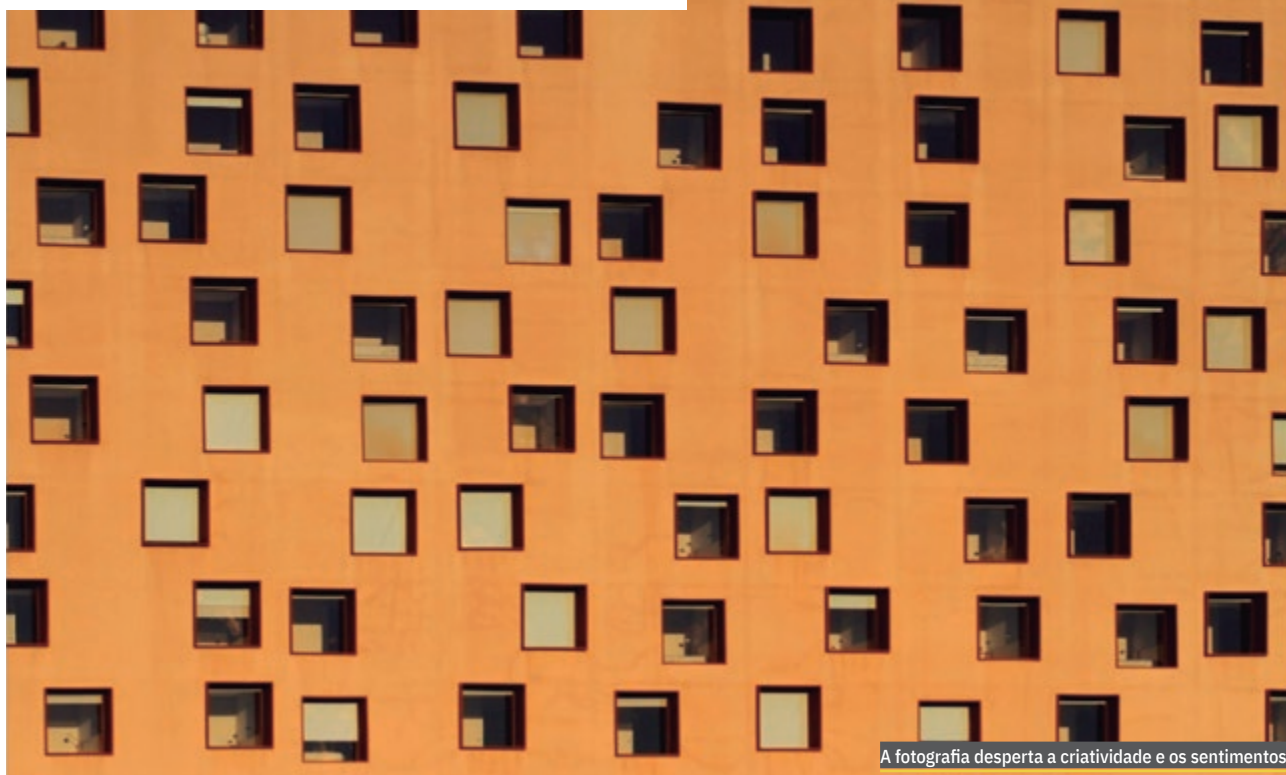
O Cine Foto Clube teve um grande efeito social em Ribeirão Preto. Ao longo dos anos, desde sua fundação nos anos 50, foram documentadas diversas imagens da cidade, o que acabou ajudando na criação de uma identidade cultural. O acervo do clube foi doado para a biblioteca Padre Euclides e, partir disso, a população pode perceber de que maneira a cidade se transformou desde a arquitetura às pessoas. Essa é uma forma de preservar a cultura de uma cidade, a partir das imagens os fatos ficam eternizados.

No ano de 2020, era reaberto o Museu de Imagem e Som de Ribeirão Preto após 15 anos de inatividade. Com o nome de José da Silva Bueno, o MIS apresenta um grande acervo que vai desde a música à fotografia e o cinema de Ribeirão. O museu está em constante evolução e hoje promove diversos eventos culturais como palestras, visitas e exposições o que ajuda na divulgação da cultura local. “O museu tem realizado várias atividades após a reabertura em sua sede própria. Isso é muito importante porque leva ao conhecimento da população este universo fantástico que é a arte, a fotografia, além da possibilidade da abertura para profissionais da área”, avalia o chefe do MIS, Renato Caetano.

Essa propagação da arte é fundamental também para a cidade, que tem influência regional e ainda pretende crescer no cenário artístico. “É importante porque leva ao conhecimento da população este universo fantástico cheio de possibilidades que é a fotografia, além da possibilidade da abertura de espaço para os profissionais da área”, completou Renato. ■



Segundo Ederaldo, qualquer forma de expressão usando uma ferramenta pode ser considerada arte.



A fotografia desperta a criatividade e os sentimentos

DE VOLTA À ROTA DO TURISMO

João Pala

Com avanço da vacinação e declínio da COVID-19, Ribeirão Preto se prepara para voltar a receber grandes eventos em 2022, como a Agrishow e o João Rock

Um dos pilares da diversidade de Ribeirão Preto, o turismo de negócios e eventos ficou completamente paralisado em 2020 e 2021, por conta das restrições impostas pela pandemia de COVID-19. A rápida chegada do vírus obrigou cancelamentos seguidos de eventos como a Agrishow e o João Rock, causando impactos à economia do município. Entretanto, para 2022, com o avanço da vacinação contra o novo coronavírus e a queda nos índices da doença no país, Ribeirão Preto volta a aparecer como destino turístico importante no cenário nacional. No ano que vem, o município deve esperar a volta das convenções e dos grandes eventos, segundo Márcio Santiago, presidente do Ribeirão Preto e Região Convention & Visitors Bureau. A entidade representa instituições promotoras de eventos, como hotéis e centros de convenções, e ajuda na captação de cerimônias e festas para a cidade, de modo a movimentar a economia local.

Todos os protocolos contra a COVID-19 estão sendo adotados pelos organizadores, de modo a garantir a segurança dos visitantes, segundo o dirigente. “A vacinação tem colaborado com a flexibilização das restrições. Por outro lado, as outras medidas já estão incorporadas, como uso de álcool gel e máscaras, purificação de ar e medição de temperatura. Tudo isso vai se consolidar e se perpetuar como exigência básica”, destaca Santiago. De acordo com ele, o setor de turismo foi muito castigado nos anos de pandemia, e vai demorar para se recuperar nos próximos meses. Entretanto, uma movimentação incomum pode ajudar a impulsionar o turismo em Ribeirão Preto: o fenômeno da “demanda reprimida”, causado pela COVID-19. No Estado de São Paulo, por exemplo, essa situação foi verificada entre o 2º e o 3º trimestre de 2021 nos bares e restaurantes, com grande intensidade de procura do público com a retomada gradual. Por conta da falta de oportunidades, o público já retornou à vida noturna quando permitido, algo que, na visão do especialista, também pode acontecer com o turismo. “Não é só a viagem, o lazer e o entretenimento. O turismo impacta em outras atividades e setores da economia, como o comércio. A diminuição dos casos de COVID-19 e a liberação das medidas restritivas estimulam as pessoas a viajarem, o que antes não faziam por conta dos riscos”, aponta Santiago.

Últimos preparativos

Em Ribeirão Preto, o festival João Rock é um dos que já confirmou presença na lista de eventos a serem organizados na cidade em 2022, assim como a Agrishow. Reunindo importantes cantores e grupos da música brasileira desde 2002, no Parque Permanente de Exposições, na zona Norte da cidade, o festival de rock chega à 19ª edição com grandes expectativas em reencontrar o público da região e do país. A edição do próximo ano já está marcada para 11 de junho. Segundo a direção, o evento contará com atrações em três diferentes palcos: João Rock, Brasil - Rio de Janeiro e Fortalecendo a Cena.

O organizador do João Rock, Luit Marques, afirma que a preparação do festival depende do avanço da vacinação contra a COVID-19 pelo país, que deve estar completa até o final de 2021. “Estamos acompanhando de perto o andamento da campanha de vacinação em nosso Estado e no Brasil. Além disso, estamos na expectativa de informações e orientações dos setores responsáveis quanto às medidas que deverão ser adotadas para a retomada dos grandes eventos que será muito em breve. Respeitamos o coletivo e é este senso de responsabilidade que permitirá fazer uma volta com segurança”, afirma. Na edição de 2019, antes da chegada da COVID-19, o João Rock recebeu mais de 65 mil pessoas em 12 horas de shows. Para o ano que vem, Marques aposta mais uma vez na diversidade e na alegria para reunir os fãs em torno de artistas consagrados da música brasileira. “É um festival genuinamente brasileiro, feito por apaixonados por música para o público que compartilha da mesma ideia. Estamos otimistas que com uma retomada segura teremos o calor do público novamente, que inclusive, pelas nossas redes sociais, manifesta a ansiedade com a próxima edição presencial do festival”, destaca o organizador.

Tradição no turismo

Com vocação para o turismo, a capital do agronegócio brasileiro deve retomar as atenções no cenário nacional em 2022. É nisso que aposta o diretor de Turismo da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ribeirão Preto, José Venâncio de Souza Júnior. A cidade ainda deve ter o setor turístico impulsionado pela volta de convenções e visitas técnicas em saúde. O Executivo também se movimenta para atrair novos

44

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

eventos e mobilizar a estrutura voltada ao turismo na cidade. “Tivemos uma grande quantidade de pessoas que trabalhavam ou prestavam serviços para o setor de eventos e que foram afetadas. Alguns eventos, que antes eram presenciais e se tornaram on-line, podem nunca mais voltar a ser presenciais. Trabalhamos em grandes eventos, bem como eventos corporativos e formaturas, fazendo incentivos e campanhas de divulgação para mostrar que Ribeirão tem condições de recebê-los”, relata Venâncio.

Atualmente, só falta a aprovação das autoridades sanitárias de Ribeirão Preto para a realização dos eventos de grande porte. Se depender dos organizadores e promotores do município, o turismo celebrará um 2022 repleto de festivais, feiras e negócios bem-sucedidos, com todos os cuidados contra a COVID-19 que um momento pós-pandemia exige. “Essa retomada [do setor de eventos] já está ocorrendo, mesmo que de forma gradual e com muitas expectativas. Já é possível perceber uma movimentação maior de pessoas e de eventos”, finaliza Márcio Santiago. ■



“Com uma retomada segura, teremos o calor do público novamente [em 2022]”, destaca Luís Marques, organizador do João Rock.
Crédito: Rafael Cautella



Em 2019, João Rock reuniu mais de 65 mil visitantes em 12 horas
Crédito: Rafael Cautella

FLORESTA DAS RELIGIÕES

Ana Clara Albuquerque

Nas sextas-feiras, em uma floresta da região norte de Ribeirão Preto, pessoas de diversas religiões cristãs se reúnem com seus grupos para realizar suas orações ao ar livre

As reuniões de adoração são feitas em meio às árvores, com a luz do luar e direto na terra

Ao ver a mata e sua escuridão, imaginar o que nos aguarda nas entranhas pode ter um significado diferente para cada pessoa. No Bairro Residencial Leo Gomes de Moraes, na zona norte de Ribeirão, há uma particularidade: nas madrugadas em um bosque, é possível ouvir a cantoria das religiões cristãs que se reúnem no local para fazer adorações. Os fiéis entram sem medo na floresta, a localidade escolhida é denominada por eles de “Monte, local de peregrinação à busca de curas”. Diferente do nome, este lugar é plano e proporciona acessibilidade às clareiras. Nessa paisagem, o local pouco iluminado dentre as árvores passa a ser visto de forma diferente. Esta é uma tradição cristã, com raízes bíblicas, onde em oração, os fiéis buscam milagres.

Mas este lugar, diferente dos templos, não é exclusivo para pessoas da mesma crença. Jusanflora Leal frequenta o local há dois anos e lembra que mesmo sendo utilizado por diversas religiões, ainda há uma diretriz implícita nas relações. “Existe um tipo de regra de convivência entre religiões, nas sextas-feiras, os evangélicos, católicos, espíritas, também testemunhas de Jeová são maioria por serem religiões cristãs. Poucas vezes, vi pessoas de fora do cristianismo indo no mesmo dia, mas é comum ver macumbas ou restos de outras celebrações de matriz africana por lá”. A entrada não é sinalizada, apenas conhecendo o local é possível encontrar os participantes do culto. Entrando por um pequeno espaço entre as árvores é possível ver, sob os raros feixes da luz do luar, grupos de pessoas em lugares separados. Mesmo com a visão limitada, é possível perceber as diferentes formas de louvor. A audição mostra o sentido mais aguçado, a sonoridade das misturas de ritmos se torna marcante na floresta. Músicas animadas e instrumentais, a capela e a adoração se tornam uma só.

Uma das organizadoras, de um núcleo evangélico, a irmã Socorro, frequenta o monte há sete anos, todas às sextas-feiras, mas já conhece o lugar, desde muito jovem. “O Monte nasceu de um desejo de estar em particular com Deus, ter liberdade. Assim como Jesus, quando queria falar com o Pai, ele se separava das pessoas. O monte é isso, onde o cristão tem um momento diferenciado com Deus. Eu amo aquele lugar, é uma experiência real com Cristo”.

“ *O monte nasceu de um desejo de estar em particular com Deus, ter liberdade. Assim como Jesus quando queria falar com o pai. Eu amo aquele lugar, é uma experiência real com Cristo.* ”



O pastor Matheus diz que o Monte é bíblico e importante para os cristãos

Não há estrutura na área, apenas as árvores ao redor, por isso, alguns participantes levam toalhas para sentar. Muitos se ajoelham na terra e realizam as adorações ali mesmo. Para os frequentadores, a oração no monte significa mais intimidade com Deus. Um lugar que se pode desligar do mundo, onde não há sinal, ou seja, sem contato com o mundo externo, trazendo assim, mais privacidade para buscar a conexão com Deus.

Para o Pastor Matheus De Cesaro, da Assembleia de Deus, o monte tem um papel importante na vida cristã. “A busca pela espiritualidade nos montes é muito significativa. A história cristã é marcada por eventos que ocorreram nos montes, em especial o Monte das Oliveiras e o Gólgota, onde o Senhor Jesus Cristo foi crucificado. cremos que este isolamento nos montes para realizar nossas orações seja uma forma de se abster de tudo o que é terreno e material para nos conectarmos com o mundo espiritual”.

Assim como os templos, esta floresta não é a única na cidade em que se encontram religiosos em momentos de devoção. É o caso do Monte da Cordinha na Rodovia Cândido Portinari. O acesso precisa ser feito por uma trilha inclinada, a subida é feita segurando cordas. Alguns fiéis dormem no local. Outros devotos realizam pequenas reuniões nos parques e praças da região. ■

GRAÇAS À NOVENA



Isabela Vidoto

Muita gente acredita que conseguiu alcançar curas e realizações graças à novena de Monte Alto

Melanie nasceu saudável, mas em uma consulta de rotina o médico disse que não cresceu e não engordou. Solicitou exame de sangue e deu a notícia aos pais no dia seguinte. Foi o maior choque da vida deles, uma dor imensa e muito medo. A mãe, Janaína, só pedia a Deus para que tudo passasse. Os pais desmoronaram, choraram, gritaram e decidiram que lutariam pela vida dela a qualquer custo. Era uma leucemia agressiva. Precisou de quimioterapia, chegou a ficar por uma semana com medicação 24 horas direto. Cerca de 15%, essa era a chance de vida de Melanie. O médico avisou aos pais que deveriam começar a procurar um doador, pois a doença, mesmo que curada com as quimioterapias, corria um sério risco de voltar.

Os exames de compatibilidade foram feitos, família e amigos tentaram ajudar, mas nenhum era compatível. Um dia, o hematologista dela chegou ao hospital e veio a notícia reconfortante para a família. Encontraram quatro doadores, todos 100% compatíveis com Melanie. A mãe afirma que aquele foi um dos dias mais felizes. Porém, complicações dificultaram o transplante de medula. “Fomos fazer os exames, e, o coração dela, devido a tanto medicamento forte, estava muito debilitado. Ela não aguentaria um transplante. Começamos a tratar o coração em São Paulo, juntamente com as quimioterapias”, diz Janaína.

Assim que os ciclos da quimioterapia se encerraram, o médico pediu aos pais para rezarem para a doença não voltar, enquanto o coração se recuperava. Se voltasse, teriam que recomeçar o processo até curar a doença para poder fazer o transplante. “Minha filha passou por muita coisa, injeções, punções, cirurgia para colocar e tirar o cateter, febres altíssimas. Ficamos no Hospital Santa Lydia com ela desde os seis meses de idade, até mais ou menos um ano e três meses. Graças a Deus na primeira quimioterapia a doença sumiu e isso aumentou ainda mais a nossa fé e esperança de que nossa menina estava curada. A doença foi embora, minha filha não precisou do transplante e recebeu alta em fevereiro do ano passado. Fazemos acompanhamento a cada seis meses e ela está curada! Continua com os remédios do coração, mas que também está quase 100%”, afirma Janaína.

Os pais de Melanie, Janaína e Leonardo, conheceram a novena de Nossa Senhora Desatadora dos Nós quando muitas pessoas começaram a colocar o nome da filha deles nas intenções da missa, porque vários deles já tinham alcançado milagres. “A novena da Desatadora é diferente. Não sei se porque depositamos tanta fé que minha filha seria curada, mas é uma sensação única participar, uma paz, nem sei explicar”, completa Janaína.

A novena

Criada em 2011, a novena a princípio era celebrada em nove domingos. Começou pequena, com poucos fiéis, mas com o passar dos anos foi ganhando proporções. Depois de um tempo, a novena passou a ser celebrada às sextas-feiras e o espaço da igreja já não era mais suficiente para abrigar todos os fiéis. A simbologia por trás da escolha da liturgia, velas e cânticos são as necessidades dos fiéis. “Converso com muita gente e ouço, também, muita gente. Isto nos leva, com as equipes de cantos e liturgia, responder através da novena a estas pessoas”, afirma o padre Rogério Ari.



A pandemia afastou os fiéis



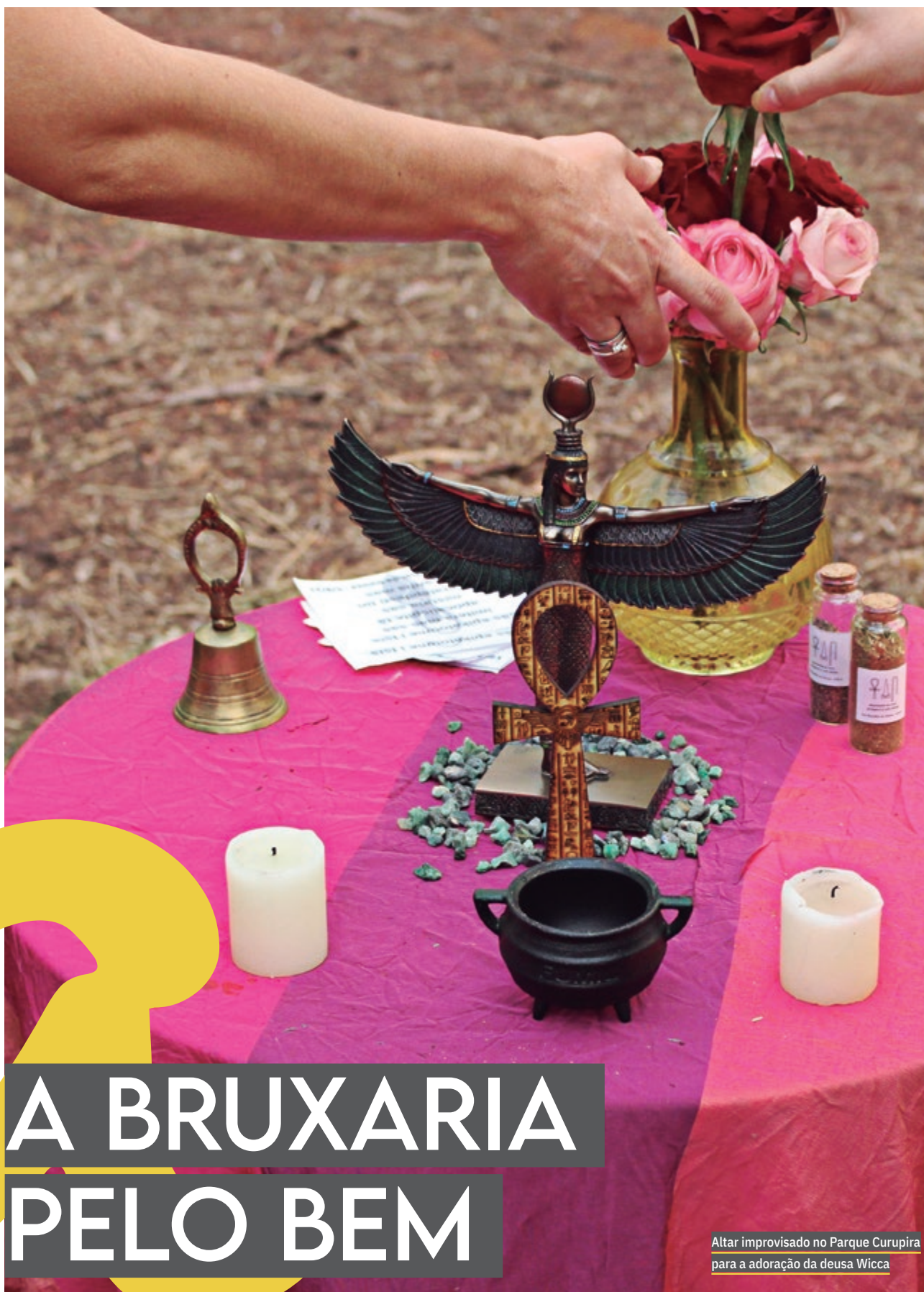
Nossa Senhora Desatadora dos Nós

A novena, devido à pandemia de Covid-19, passou a ser on-line, para o padre Ari mais difícil de ser realizada, já que as pessoas se cansam de ficar em casa, sentados assistindo. Por mais que sejam devotos e esperem a novena, estão apenas vendo. Outra questão é que nem todos têm uma boa internet e muitas vezes dependem de outros para acessar a plataforma. “Na novena presencial, os devotos ficam espalhados em todos os lugares em volta da Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida. Cada fiel vai espalhando à sua maneira de viver aquele momento, único para cada um. Na plataforma on-line, há uma tela que nos separa, há outro lado que não vejo, mas as pessoas que estão acompanhando me veem. Porém, essas pessoas que estão vendo ou assistindo, pode ser que não estejam seguindo a novena como um todo. Vejo que a pandemia afastou e esfriou muitos fiéis, infelizmente. Agora, nossa missão será a de resgatar essas pessoas desanimadas que se acomodaram”, prevê Ari.

As graças alcançadas por fiéis graças à novena são incontáveis. É uma questão de fé muito grande e profunda. Dentre as graças, mulheres que não podiam engravidar receberam a graça da maternidade, famílias que tinham parentes infectados pela Covid-19 e estavam aflitos se recuperaram saindo até mesmo das intubações. Alguns foram desatar os nós na própria novena como forma de agradecimento. Um jovem que estava em tratamento contra um câncer e estava com os dias contados, surpreendeu a medicina e o tumor desapareceu. Esses milagres aconteceram em vários lugares, pois a novena chega pela transmissão a muitos países. “Muitos vem depois do término da novena relatar suas graças ou milagres que conseguiram. Estou pensando em começar a catalogar essas graças! Por mais simples que sejam essas bênçãos se tornarão meios de atrair, quem sabe, os mais céticos. A novena veio para ficar na história de Monte Alto e continuará independente de quem seja o pároco”, finaliza Ari. ■



As velas acesas são uma simbologia da novena



A BRUXARIA PELO BEM

Altar improvisado no Parque Curupira para a adoração da deusa Wicca

SO

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

Liz Velocci

A religião dos Wiccanos quer melhorar o mundo, celebrando a natureza e estimulando as pessoas a se manterem prósperas e com saúde

“Salut?” “Salut!” Assim se cumprimentaram os Wiccanos, os bruxos, os espirituosos e os curiosos no Parque do Curupira em Ribeirão Preto, no primeiro domingo de setembro. Não coincidentemente, é o dia sagrado reservado para celebrar a Deusa Ísis, mãe da magia. Jovens de Ribeirão Preto, São Paulo e Franca se encontraram no final da tarde para se conectar com a natureza e desejar o bem para o universo por meio de rituais com velas, instrumentos musicais, flores e cristais. Wicca é uma religião neopagã moderna onde os seguidores encontram conforto na natureza e no culto de um deus masculino (Hórus) e uma deusa feminina (Ísis). “Eu literalmente me encontrei quando entendi que para entrar em contato com meu espírito e com o universo eu não precisava estar em uma igreja ou um templo, eu só precisava da natureza. A deusa já estava dentro de mim”, Enya Persephace, Wiccana de 23 anos. Enya conta que recebeu o chamado de Ísis ainda criança, e aos 15 anos conheceu a Wicca e mergulhou em uma viagem mística de autoconhecimento que segue até hoje.

A religião Wiccana une crenças indianas, gregas, romanas, entre outras, e têm sua origem na Inglaterra. Apesar dessa cultura diversificada e universal, Wicca ainda é pouco conhecida no Brasil. Parte disso vem do preconceito com a bruxaria, mas Nathan Ventura, wiccano considerado um dos percussores da religião na região de Ribeirão, conta que é também porque os rituais costumam ser reservados. “Essa é uma religião de estudo, muitas iniciações, onde é preciso que a pessoa se dedique com interesse para participar. A maioria do que você vai aprender sobre Wicca descobrirá sozinho em suas pesquisas, faz parte do processo. Esse processo é necessário para comandar um ritual”.

Nathan Ventura foi o wiccano de 26 anos que organizou o evento. Professor de francês, ele começou a praticar a wicca com 18 anos quando foi morar na França. Lá, ele se reunia com Covens (nome dado a uma agregação de bruxos) para estudar os deuses e se aprofundar na bruxaria. Quando retornou ao Brasil, se sentiu sozinho no mundo spiritu-

al e começou a reunir Wiccanos pela internet e a espalhar a mensagem da Deusa. No dia 5 de setembro de 2021, às 16h, Nathan esperava pelos colegas wiccanos e aspirantes a wicca em frente à estátua do Parque Curupira. Com vestimentas estampadas e joias peculiares, as pessoas foram chegando e sendo levadas por ele para uma área menos agitada do parque, onde outros bruxos os esperavam com um altar quase inteiro montado.

Uma mesa coberta por panos coloridos e rodeada de flores era o centro do ritual. Velas, cristais, pedras e símbolos de Ísis descansavam sobre esse altar improvisado. O altar só ficou completo quando os convidados colocaram suas próprias flores ao redor dele. A mensagem do ritual era clara, e as pessoas tinham um desejo em comum, que mentalizavam não só para os presentes, mas para todos os seres humanos. “Mantenha-se vivo, próspero e com saúde”. Esse lema, repetido diversas vezes, é o “Deus te abençoe” dos wiccanos. Os participantes foram convidados a contar sua história com a espiritualidade, e assim se destacou a jovem de 23 anos Giulia Pace. “Não conheço muito da Wicca, mas quero conhecer. Ainda não tenho minha história de autoconhecimento ou descoberta religiosa. Hoje, estou curiosa”, contou.

Para que o ritual começasse, todos os participantes receberam três papéis com as seguintes instruções: no primeiro papel, escrever algo que deseja para si próprio; no segundo, algo que deseja para a humanidade; no terceiro, um desejo para a natureza. Esses desejos eram secretos, e os papéis foram velados e colocados dentro de uma cesta, onde ficaram durante todo o ritual, até serem queimados no final da celebração. Cada um tinha levado sua própria vela, flor, e recipiente para colocar água. A vela foi acesa durante uma canção acompanhada por um toque de tambor, onde a chama representava a presença de Ísis. A água foi abençoada e despejada em uma árvore, para que a magia retornasse a sua origem na natureza. Em meio a meditações, cantos, rimas e proclamações antigas nunca traduzidas para o português, se foi celebrado o Dia Mundial da Deusa no Parque Curupira. ■

Wiccanos pedindo a bênção da deusa Ísis por meio das chamas do fogo



RENASCIMENTO DA MEDICINA ANCESTRAL

Matheus Miletta

Muitas pessoas estão experimentando a Ayahuasca para diminuir a ansiedade, o estresse e a depressão

Os rituais de Ayahuasca acontecem para a busca do autoconhecimento, cura da depressão, da ansiedade ou do vício. Entretanto, os locais possuem regras e a obrigação de apresentar uma ficha de anamnese para saber o histórico da pessoa que vai participar, sobre o uso de drogas, histórico de doenças, cirurgias, uso de remédios controlados ou esquizofrenia. Os que têm esquizofrenia ou caso na família não podem participar dos rituais.

Elaine Gomes, de 54 anos, é a fundadora do Centro Espiritual Universalista (C.E.U.) da Rosa Mística. Ela trabalha com as medicinas holísticas e indígenas em Ribeirão Preto. A terapeuta holística conta que estuda as ciências espirituais desde muito nova. “Eu conheci e cheguei à ayahuasca através de estudos para autoconhecimento e busca espiritual. A vontade de ajudar ao próximo me fez chegar às medicinas indígenas.” Antes do C.E.U da Rosa Mística se tornar independente em 2010, ela fez parte de outro centro xamânico em 2008, que tinha regras para ser filiado. “O sentimento que tenho é de gratidão pela oportunidade de servir às medicinas, poder montar um lugar de cura e de paz”, disse Elaine. A fundadora ainda compartilha que ao



Uma noite do ritual de cura

consagrar as medicinas ocorreram mudanças em sua vida. “A observação e o reconhecimento do meu eu é maior, se tornou mais acessível, sendo mais fácil fazer novas escolhas a partir desse autoconhecimento. O preconceito contra a Ayahuasca pode diminuir com a busca do conhecimento. Espero que no futuro ela continue sendo difundida com respeito, com o fundamento de auxiliar e manter as

pessoas na busca da luz, do amor, da paz e da cura”, comenta.

Lucas de Oliveira de 25 anos é estudante de Pedagogia na USP de Ribeirão Preto e estagia como professor auxiliar na creche e pré-escola da universidade em que estuda. O estudante teve o conhecimento da Ayahuasca através de boatos e de vídeos do YouTube. “Uma amiga de longa data me falou da Rosa Mística. Fui sozinho na primeira



Bebida ancestral pronta para consumo



vez que tomei o chá, puro chamado do universo para eu estar lá”, conta Lucas.

O professor auxiliar procurou a ajuda do enteógeno (plantas capazes de alterar a consciência e induzir ao estado xamânico ou de êxtase) por conta de problemas pessoais. “Tinha uma desconfiança sobre essa espiritualidade baseada na introspecção e autorreflexão. É a parte ver para crer, da Ayahuasca” contou. Lucas diz que

a parte mais importante da sua experiência é a evolução que teve. “Antes, eu era pressionado por problemas ligados a padrões repetitivos em minha vida, hoje sou plenamente consciente de muitos pontos em minha vida.” Ele trabalha também como fiscal em um local que realiza rituais de ayahuasca. “O que me levou a ser guardião desses rituais foi o amor que desenvolvi pelas medicinas,” afirma. A ciência estuda a

ayahuasca com destaque para a USP que faz pesquisas com a bebida para entender como age no tratamento de depressão e da ansiedade. Para Lucas, o propósito da ciência nesses pontos é o amor, encontrar uma nova saída para as curas ancestrais indígenas. “Cheguei a Rosa Mística ateu, hoje sou um buscador e creio em Deus.”

Igor Alex de Carvalho, tem 28 anos e trabalha como técnico em informática, mora em Ribeirão Preto e também teve contato primeiramente com a Rosa Mística. “Na época em que a minha namorada conheceu a Ayahuasca, eu estudava em um centro espírita kardecista, já gostava desses assuntos. Eu só a levava para os rituais até que um dia veio o chamado para mim, não pude deixar de ir”, revela Igor. Para o técnico, o seu contato com a natureza se tornou bem mais próximo, mas o importante para ele era curar a ansiedade. O profissional sofria com ataques e sentia falta de ar repentinamente. Igor relatou uma de suas experiências com a bebida. “No meio do processo do ritual, eu me via em cenas repetidas, sabe quando começa uma cena e você já quer ir logo para o fim, pois já sabe tudo que vai acontecer? Foi assim, eu querendo dominar a cena e não conseguia.”

Igor diz que graças a esse acontecimento, hoje não sofre mais de ansiedade e não lembra quando foi a última vez que teve. Também atua como fiscal no Rosa Mística há dois anos. “Depois de alguns meses frequentando a casa como participante, ouviu o chamado de doar um pouco por gratidão a tudo que eu já recebi ali. Minha mãe julgava muito a Ayahuasca como uma droga, quando uma pessoa tem isso como verdade, é muito difícil mudar, mas ela só aceitou a ideia após consagrar pela primeira vez a Ayahuasca,” afirmou o técnico em informática. “Uma hora o chamado vem, porém nem todos estão prontos para ouvir e atender esse chamado. O daime é para todos, mas nem todos são para o daime”, conclui Igor. ■

S3

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

A DANÇA DA SUPERACÃO

Daiane Marcolino



Para muitas mulheres, o pole dance se tornou sinônimo de liberdade. Deixando os preconceitos de lado, a vergonha do corpo é substituída pelo amor próprio

Autoestima elevada, superação de traumas, reconexão com o próprio corpo e confiança são alguns dos benefícios que as pessoas mais relatam. Bruna Machado começou a praticar pole dance há cinco anos, apenas por diversão, mas após sentir o quanto a

dança melhorou a forma como ela se olhava no espelho e enxergar sua beleza não parou mais de praticar. Atualmente, ela dá aula de pole dance em estúdio próprio.

A professora conta que sofreu bullying na escola, por ser considerada magra demais, porém essas memórias traumáticas ficaram escondidas no subconsciente. “É como se minha mente tivesse desligado, mas a sensação continua aqui”, diz. No antigo trabalho como promotora não foi muito diferente, sua chefe cobrava que ela se arrumasse mais para chamar a atenção. “Tinha que fazer isso para ser aceita”, relembra Bruna.

54

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



Nas aulas, Celiana busca aumentar autoestima das mulheres

O pole dance deve ser praticado com roupas curtas, pois precisa ter o atrito da pele com a barra para realizar a acrobacia sem escorregar e finalizar cada movimento. Para muitos, a roupa curta pode parecer vulgar, mas para as pessoas que praticam a dança significa aceitação. Bruna afirma que tinha muita vergonha de suas pernas e tentava esconder com calças largas, mas depois que começou a praticar pole dance, sua visão sobre si mesma mudou. Nas aulas, a professora mostra esse aspecto para as alunas, através de elogios e de incentivos para que elas se olhem no espelho e tentem enxergar a beleza que existe em seus corpos.

A mulher e bióloga de 25 anos, que preferiu não se identificar, recorda sobre o início da trajetória no pole dance. Ela viveu um relacionamento abusivo por dois anos e após o término decidiu entrar para aula de dança, mesmo sem o apoio de ninguém. “Falavam que eu não passaria do primeiro dia”, comenta. Depois de ser diagnosticada com início de depressão, a bióloga decidiu fazer uma aula experimental, já que admirava dança. “Foi um ato de amor por mim mesma, passei muito tempo escolhendo os outros”, conta.

Ela enfrentou dificuldades no começo. A visão sobre seu corpo não era um problema antes, mas quando ainda estava namorando engordou 10kg e isso afetou a autoestima. Ela conta que usar short curto e top nas aulas era o principal desafio, o que quase a fez desistir, mas aos poucos foi percebendo que o peso não interferia no exercício. “Passei a amar até as minhas gordurinhas”, afirma a bióloga.

Essa prática pode ser feita como uma atividade física para definição do corpo ou também de forma artística, principalmente em shows ou em competições. Também existem pessoas que praticam apenas por hobby, para cuidar do corpo. Celiana Freitas iniciou as aulas de pole dance em 2016 e trabalha como instrutora há dois anos e meio. A professora atende todos os públicos, mas diz que se conectou com mulheres de mais idade, que são mães, trabalham com uma rotina corrida que não permitia tempo para se cuidar. “Vivem para os outros e esquecem um pouco delas mesmas”, observa Celiana. Nesse público, a professora enxergou uma nova forma de pole dance, pois percebeu que aquele momento era um dos poucos exclusivos e destinados apenas para aquela mulher, sem cobranças ou preocupações externas.



Bruna encontrou na dança uma forma de superar seus traumas

Preconceito

Além de tirar fotos bonitas e praticar um esporte, essa dança é uma ferramenta de autoestima e de admiração. Celiana afirma que recebe muitas mulheres inseguras com o corpo e que aos poucos descobrem a capacidade de fazer movimentos que antes acreditavam ser impossíveis. A instrutora comenta sobre o caso de uma aluna que dizia que não conseguiria erguer seu corpo, pois era gorda. Após falar sobre isso em sua terapia e perceber que essas limitações estavam apenas em sua cabeça, conseguiu realizar o movimento. Além disso, outra situação evidenciou o poder da dança. O namorado de uma aluna mandou uma mensagem agradecendo o quanto a parceira estava radiante e feliz após iniciar as aulas.

A bióloga, que preferiu não se identificar, conta que existem duas versões dela mesma, antes e depois do pole dance. Era considerada uma criança medrosa, não pulava em camas elásticas ou subia em qualquer outro brinquedo de parques de diversões. Atualmente, ficar de ponta cabeça na barra, é uma conquista muito importante para ela. Após três meses praticando, postou a primeira foto em sua rede social. “Tenho o sentimento de liberdade, fiquei muito vulnerável no início, mas depois foi incrível”, diz.

O pole dance teve origem na Inglaterra em 1980. Iniciou em casas de strippers, mas atualmente é considerado como esporte e ocupa outros espaços na sociedade. Mesmo assim, muitas pessoas ainda erotizam e têm preconceito com esse esporte. Bruna Machado diz que recebe diversas críticas por se expor demais, xingamentos e julgamentos de colegas ou pessoas que acessam suas redes sociais. Certa vez, a mãe de um amigo comentou sobre um vídeo que havia postado, dizendo que só faltava ela mostrar o útero, referindo-se às roupas curtas. “Dançar é minha forma de expressar sentimentos, meu desabafo com o mundo. Dizem que quero chamar atenção, mas eu só quero me sentir bem”, afirma Bruna. ■



Wellington Barbara, jogador do basquete
sobrerrodas há mais de 30 anos

O BASQUETE SOBRE RODAS

Henrique Escher

O basquete sobre rodas promove a inserção social e melhora autoestima dos jogadores que superam as limitações físicas para praticar o esporte

O basquetebol é um dos principais esportes para pessoas portadoras de deficiência física com destaque social e praticado no mundo inteiro. As regras do basquete de origem para o adaptado são praticamente idênticas. As regras, a bola e as dimensões da quadra não sofreram grandes mudanças. Os jogadores utilizam cadeiras de rodas adaptadas individualmente, atendendo o biotipo e as limitações físicas de cada atleta, e são padronizadas pela Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas (IWBF), como forma de garantir a segurança e a igualdade durante o jogo. Embora não haja registros que comprovem a data correta, o basquete em cadeira surgiu em 1945 como alternativa de reabilitação para soldados feridos durante a Segunda Guerra Mundial, mas ganhou força e se popularizou mundialmente. No Brasil, é praticado desde 1958 e foi a primeira modalidade paraolímpica. Hoje se tornou um dos esportes favoritos nas edições dos jogos paraolímpicos. Antes como prática de reabilitação física e hoje também utilizado como esporte, o basquete sobre rodas ganhou visibilidade com os resultados físicos, psicológicos e emocionais positivos que proporciona.

Os atletas de Ribeirão Preto disputam campeonatos na região e já conquistaram títulos. Atualmente, os jogadores se deslocam de diferentes regiões da cidade para treinarem três vezes por semana no ginásio da Cava do Bosque e formaram um time através da Associação de Basquete Esporte e Cultura (ABEC). A Associação foi fundada em 2010, pelo técnico Márcio Marolo da Silva e um grupo de amigos que hoje compõem a diretoria. A entidade atende às necessidades e as dificuldades da periferia, levando uma prática saudável, educativa e competitiva para a população de baixa renda. Segundo o coordenador Marolo, a Associação proporciona a prática do basquete nas comunidades mais carentes da cidade, incentivando a educação, a saúde e elevando a autoestima dos jogadores, “Os verdadeiros atletas estão nas periferias. Expandir o esporte adaptado para outras regiões da cidade será uma oportunidade para montar escolas de base e integrar jovens e adolescentes na equipe”, afirma o treinador.

Através dos Projetos de Lei de Incentivo Estadual e Federal, a Associação desenvolveu núcleos, atendendo crianças de 9 a 14 anos, em Ribeirão Preto e Jardinópolis. Promovendo encontro entre os núcleos e realizando torneios e campeonatos, os jovens jogadores que despontam nos núcleos ganham a oportunidade de integrar os times de competição. Luciano Purcini Baiochi e Wellington Barbara, que estão na equipe há mais de 30 anos, contam com orgulho a conquista do campeonato paulista e brasileiro. “Foi lá no SESI o meu primeiro contato com o basquete adaptado”, recorda Luciano. Barbara lembra os problemas que enfrentou ao longo do caminho e da persistência do time para se manter em atividade. Porém, mes-



Jogadores disputam a bola

mo com as dificuldades, a prática mantém a saúde física e emocional dos atletas. “Nós temos que chamar as pessoas para conhecerem o esporte adaptado”, afirmou.

O esporte permite não apenas melhoras psicomotoras, favorece também o aprimoramento das capacidades físicas e motoras, como velocidade, força, flexibilidade, resistência muscular, coordenação, equilíbrio, percepção e agilidade. Os atletas contam com as orientações do treinador Weber Ângelo. O primeiro contato do técnico com a equipe de basquete adaptado foi aos 17 anos, “Quando me formei em Educação Física, consegui a oportunidade de ser professor deles. Já são quatro anos juntos”, relembra o treinador do time.

Muitos dos atletas se tornaram cadeirantes por algum tipo de acidente ou de violência, mesmo com todas as dificuldades encontradas no dia a dia, persistem no esporte. Segundo a psicóloga Fernanda Saviani Zeoti, o esporte promove a sociabilidade e eleva a autoestima dos jogadores. As famílias colaboram estimulando e lutando em conjunto pelos direitos das pessoas com deficiência. “Acessibilidade é fundamental para todos nós. É um movimento de inclusão social”, conclui a psicóloga. ■

S7

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

O ORGULHO DE SER PARATLETA



Mariana Garcia em ação na Copa Brasil de Paraciclismo em João Pessoa, na Paraíba. Crédito: Arquivo Pessoal

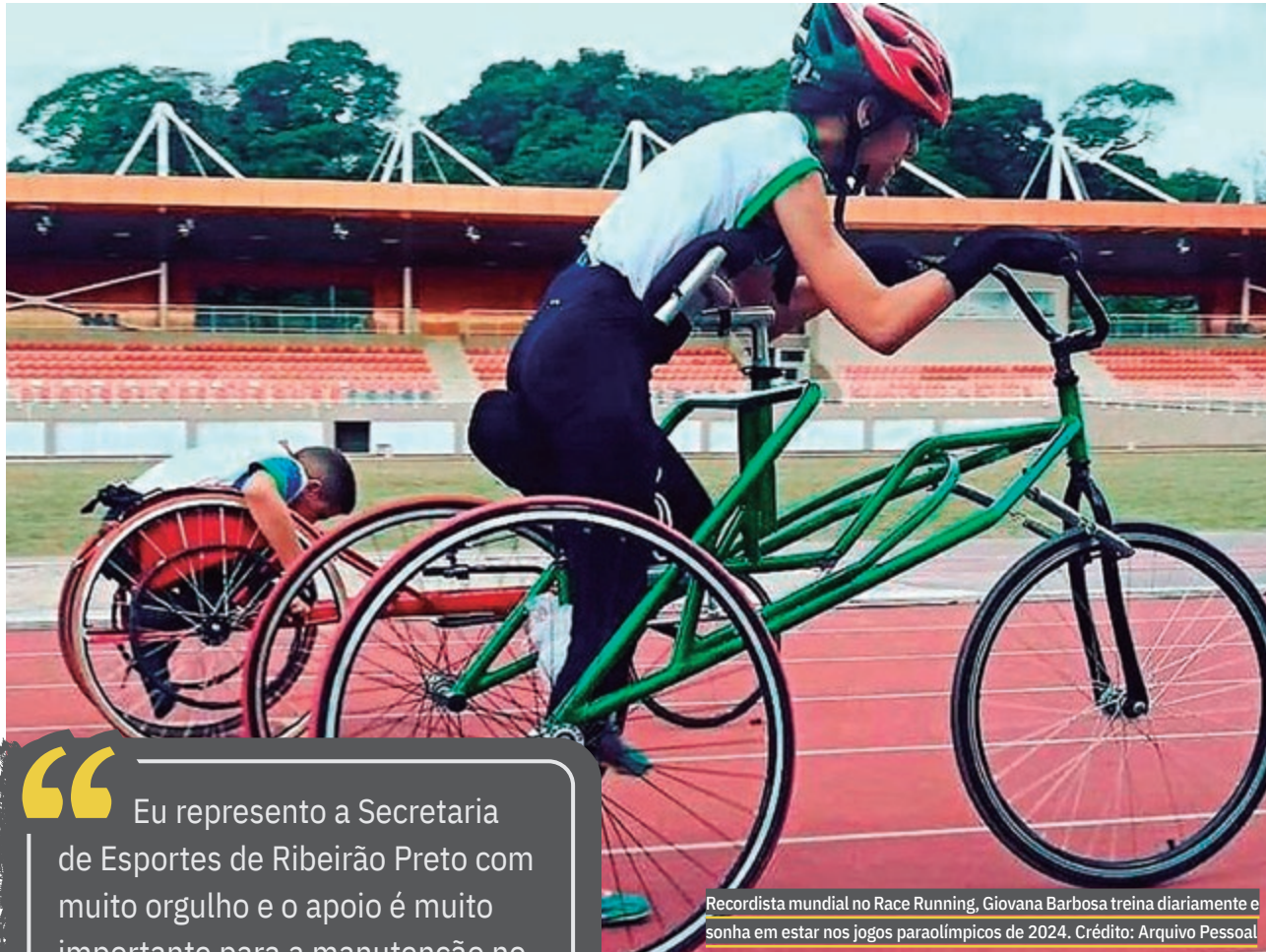
Vinicius Botelho

No ano marcado pelo recorde de medalhas de ouro paralímpicas, atletas de Ribeirão Preto sonham em escrever seu nome no maior evento esportivo do mundo

O ano de 2021 está marcado para sempre na história do esporte paralímpico brasileiro. Com 22 medalhas de ouro conquistadas nas Paraolímpidas de Tóquio, o país bateu seu recorde que antes era de 2012, quando atingiu a marca de 21 nos jogos de Londres. Esse cenário serve de inspiração para atletas do país inteiro continuarem firmes com seus sonhos de um dia marcar seu nome na maior competição esportiva mundial, como é o caso da paratleta Giovana Lima Barbosa. Competidora por Ribeirão Preto, ela começou a trajetória no esporte aos 13 anos e a primeira conquista foi logo no primeiro ano de treinamento, levando a medalha de ouro nos jogos escolares paulista e brasileiro. “Estudava na Escola Pública no 7º ano e a professora de educação física me apresentou a bocha paralímpica. Comecei a treinar, e no primeiro ano já conquistei o primeiro lugar nos jogos escolares paulista e brasileiro. Em outro ano, a professora me apresentou outro esporte, que é Race Running, ou tricicleta. Então, treinei muito e comecei a competir nos escolares. Sempre fiquei em primeiro lugar.”

58

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



Recordista mundial no Race Running, Giovana Barbosa treina diariamente e sonha em estar nos jogos paraolímpicos de 2024. Crédito: Arquivo Pessoal

“ Eu represento a Secretaria de Esportes de Ribeirão Preto com muito orgulho e o apoio é muito importante para a manutenção no esporte, ajudando no desempenho.

- Giovana Lima Barbosa

”

Com um início de carreira vitoriosa, Giovana seguiu competindo em alto nível e agora busca a tão sonhada vaga nos jogos paraolímpicos de 2024, em Paris. “Em 2019, comecei a participar em campeonatos para adultos. Competindo no regional, consegui vaga para o campeonato nacional. No campeonato nacional, fiquei em primeiro lugar e ganhei o troféu de índice de melhor atleta jovem. Participei do Campeonato Internacional de Atletismo no Brasil, fiquei em primeiro lugar e bati o recorde mundial de 100 metros. Hoje continuo firme na bocha adaptada e atletismo”, destaca. “Agora meu próximo objetivo é estar nos jogos paraolímpicos 2024 em Paris.” Ela também reforça o papel da cidade de Ribeirão Preto como apoio nas suas conquistas. Segundo ela, as ferramentas disponibilizadas desde a escola encurtam o caminho e auxiliam no processo dos alunos que querem se tornar paratletas. “A cidade tem turmas de treinamento desportivo educacional nas escolas municipais e isso facilita o acesso às práticas desportivas por parte de todos os alunos que, posteriormente, são acolhidos pela secretaria de esportes para o desporto de alto rendimento, como aconteceu comigo”.

Outro caso parecido é da atleta Mariana Garcia. Atleta paraolímpica desde 2015, ela é campeã do Ranking Nacional de 2019 e também compete por Ribeirão Preto. Segundo ela, a cidade tem grande influência nas marcas e objetivos conquistados até hoje. “Eu represento a Secretaria de Esportes de Ribeirão Preto com muito orgulho e o apoio é muito importante para a manutenção no esporte, ajudando no desempenho. Eu amo Ribeirão Preto, nasci aqui e não me imagino morando em outra cidade, adoro os locais que treino e a cidade toda.”

Essa não é a única iniciativa da Prefeitura no incentivo ao paradesporto na cidade. Um dos projetos recentes é a criação do Centro de Referência Paralímpico, em parceria com a USP, como conta Erik Bueno de Ávila, diretor de esportes de Ribeirão Preto. “Temos a possibilidade de receber o Centro de Referência Paralímpico, que é um braço estendido de atuação do Comitê Paralímpico Brasileiro em várias cidades e Ribeirão Preto é uma das cidades que irá receber o projeto. A Prefeitura e a Secretaria de Esportes fizeram um convênio com o CPB, com a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto e com o Centro de Educação Física, Esportes e Recreação (CEFER). Nós teremos um Centro de Referência Paralímpico na cidade em breve”.

Além disso, existem realizações em diversas modalidades do esporte paralímpico, incluindo bolsas e suporte para os paratletas de Ribeirão Preto. “As ações em desenvolvimento do paradesporto aqui são bem abrangentes. Elas vão desde a iniciação até o rendimento, incluindo apoio via bolsa atleta de vários atletas paralímpicos. Temos dois atletas do paraciclismo, dois atletas do paratletismo, um atleta do jiu-jitsu paralímpico e um atleta do powerlifting (Levantamento de Peso). Vamos do começo ao fim dentro das nossas possibilidades de atuação no apoio ao paradesporto na cidade”, conta o diretor.

De acordo com o professor Márcio Pereira Morato, docente na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, o Centro de Referência é uma ferramenta fundamental para fomentar o esporte paralímpico na cidade, não só para atletas profissionais, mas também para quem está começando. “A importância é enorme. O Centro de Referência objetiva oferecer oportunidade para iniciação e especialização esportivas de pessoas com deficiência. Não é só para o paratleta de alto nível, pode ser para pessoas que estão tendo contato pela primeira vez. Inicialmente, serão apenas atletismo e natação, mas a ideia é que isso possa crescer à medida que o Centro for se estruturando melhor. O principal objetivo é oferecer e estimular o esporte paralímpico.” ■

A PAIXÃO PELO SKATE

Bruno Cesar dos santos

O skate é um esporte único que traz a paixão dos skatistas por onde passa, levando a amizade e o sentimento de união para as pessoas em sua volta

As olimpíadas de Tóquio tiveram como principal atração a estreia do skate. Após essa participação, os skatistas que antes eram marginalizados, hoje são tratados como celebridades em alguns lugares. Mas o skate não surgiu depois das olimpíadas. Esse esporte tem muita história e os praticantes levam um estilo de vida único, a paixão chega a ser tão grande que os skatistas, com a falta de locais para praticar o esporte, acabam construindo as próprias pistas.

A Bank Skate Spot é um exemplo desse amor. A pista construída e cuidada até hoje pelos próprios skatistas do local foi inaugurada em 1º de maio de 2018, data em que os fundadores se encontraram na praça. A quadra fica localizada no bairro Manoel Pena, na Praça Celares Centro de Esporte e Lazer da Região Sudeste. Na época, a praça estava completamente abandonada e foi abraçada pelos skatistas que atualmente cuidam de todo o local. A pista surgiu de um conjunto de coincidências que ajudaram a ideia se concretizar. Os fundadores da BSS moravam perto da praça e compartilhavam a mesma vontade de criar





uma pista no espaço. Só precisou de algumas coincidências para a pista sair do plano das ideias e chegar ao mundo do skate de Ribeirão Preto.

A BSS é uma pista sem nenhum fim lucrativo, um projeto que envolve amor pelo esporte e amizade entre os fundadores. “Eu tenho certeza de que todas as pessoas envolvidas na pista amam esse lugar, a gente nunca cobrou nada, nunca pegamos parte do dinheiro, todo o valor arrecadado vem de vaquinha ou doação”, afirma Henrique Lins, fundador e zelador da pista. O que é arrecadado pela pista através de doações e campeonatos retorna em investimento para a própria pista, logo o skate banca o próprio skate. Ulisses Vittori, fundador da pista, acrescenta que “no primeiro ano foi tudo dinheiro do bolso. A maioria doação do Rafael que também é um dos fundadores. Foi ele quem construiu a primeira rampa de ferro da BSS, a gente até brinca e o chama de marco zero”.

A primeira rampa de ferro da BSS provocou o encontro dos fundadores, que após o surgimento da pista no local foram lá andar de skate e acabaram se conhecendo. Eles tiveram a ideia de realizar esse sonho de construir a pista. Atualmente, os fundadores e mantenedores da BSS são o Rafael, Henrique, Ulisses, Garcia e Chapolim. O pessoal que anda na pista ajuda na manutenção.

A BSS, diferente do padrão das pistas tradicionais, tem obstáculos mais baixos, essa ideia surgiu de uma conversa entre os fundadores quando decidiram criar o local. “Definimos que construiríamos a pista do jeito que a gente quisesse, com uns obstáculos mais baixos para ser acessível para todo mundo, tanto para o pessoal que está começando quanto para o mais velho”, comenta Ulisses, um dos fundadores. A pista ficou com obstáculos mais acessíveis para crianças e pessoas que estão começando a andar de skate. “Depois das olimpíadas aumentou o movimento de crianças aqui na pista, os pais estão trazendo mais seus filhos. Antes era no máximo 20 pessoas, hoje em dia, quarta-feira à noite, tem 40 pessoas, a quadra fica cheia”, afirma Ulisses.

O lifestyle que o skate engloba é algo muito precioso para os skatistas e muitos têm medo da futura geração perder

essa essência por causa das olimpíadas. “Eu gosto e não gosto das olimpíadas, skate é um esporte de rua, é uma intervenção, um protesto, assim como o grafite. Não tem lugar para andar de skate, não tem pista. As olimpíadas tiram um pouco dessa essência de rua do skate, mas também é bom, pois a gente sempre foi visto como marginal na sociedade. Fico um pouco dividido entre esses dois pontos”, comenta Henrique.

A pista da BSS foi construída pelos próprios skatistas e isso vale muito para eles, andar em um lugar que você mesmo construiu e se esforçou para conseguir é algo recompensador para as pessoas. Henrique não quer que esse sentimento fique apenas na geração dele e deseja passar para frente, ensinando os mais novos que frequentam o local. “Ensinamos a molecada esse amor pelo skate. No dia que eu estava fazendo a mureta da pista, eles ficaram olhando, aí chamei o menino para assentar o tijolo e ele disse vai ficar torto. Você acha que o primeiro tijolo que assentei ficou certinho? Treina aí mano daqui alguns anos serão vocês que tomarão conta da pista.” A cena do skate em Ribeirão Preto deve crescer com a inauguração da pista pública no Parque Maurílio Biagi, próximo a rodoviária. “O projeto da pista é incrível e trará competições de nível internacional para a cidade, mas não podemos esquecer das pistas locais construídas pelos skatistas, como a Bank Skate Spot, Pista do Japão, Ribeirão Skate Point, CBN Skate Spot entre outras que sustentaram a cena durante anos na cidade. O skate só sobreviveu em Ribeirão Preto por causa dos skatistas”, finaliza Ulisses. ■

67

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

AMADOR POR PAIXÃO

Cárla Covas

Sinônimo de tradição, o futebol amador promove a integração social nos bairros de Ribeirão Preto e aproxima a comunidade do esporte mais tradicional do mundo

Em Ribeirão Preto, os times entram em campo e a bola começa a rolar. Provavelmente, a pergunta é: estamos falando de jogo no Estádio Santa Cruz ou Palma Travassos? De Botafogo-SP e Comercial, respectivamente. Há um universo que poucos acompanham: o futebol amador ribeirão-pretano. Uma paixão que não se limita apenas aos grandes clubes profissionais, motivo de alegria, orgulho e tradição em bairros da cidade. Em bairros da periferia, o futebol funciona ou se torna a única fonte de lazer da população, que auxilia na saúde dos praticantes e mais, que descobre valores e faz um papel fundamental de integração social da população.

Para Primo Ulisses Noccioni, conhecido como Nego, esse amor teve início aos 16 anos, mais precisamente no São Bento, da Vila Carvalho. “Lá, eu jogava aos sábados com o meu pai, por lazer. Um dia, o presidente do time, Valdecio me viu jogando e fez o convite para o time amador. No primeiro ano, fui titular e campeão”. Nego teve a oportunidade de disputar 15 finais e foi 10 vezes campeão com cinco times, o São Bento, o Clube Atlético Paulista, o Vila Mariana, o Vila Carvalho e o Bandeirante. Primo Ulisses teve experiência também no futebol profissional, mas segundo ele, não foi bem-sucedida. “Tive algumas experiências no futebol profissional que não me agradaram, tinha muita ‘picuinha’. Lá só jogava quem tinha dinheiro, os que jogavam de verdade, eram dispensados por falta desse recurso. Mas no amador eu era livre, podia fazer o que mais amo: jogar futebol. Nunca joguei por dinheiro, sempre foi por amor ao futebol e respeito à camisa que vestia”.

Envolvido com o futebol desde os oito anos, Marcelo Venâncio Machado, atual presidente do Jandaia FC, um dos times amadores mais tradicionais de Ribeirão Preto, conta que tudo começou quando viu as pessoas do bairro se reunindo para jogar. “Eu ia ver o pessoal aqui perto jogar. Foi isso que me fez abandonar a ‘vida errada’ que eu tinha antes”. Além do campo, Marcelo destaca a importância da contribuição da modalidade para direcionar a vida dos envolvidos. “O esporte pode tirar as pessoas das ruas, por isso tem que ter bons exemplos. Na minha época, só tínhamos o exemplo ruim na periferia”.



Segundo Marcelo, um bairro que tem um time de futebol vive em torno dessa equipe, o que não se limita também ao campo de várzea. “Nós, por exemplo, temos o campo, temos a própria loja e além disso, somos quem mais vende produtos esportivos na cidade”.

O REFÚGIO

Uma lesão de ligamento tirou o sonho de Wellington Carlos Gervasio de ser jogador profissional, mas o aproximou da paixão pelo futebol amador. “Depois da lesão, eu me recuperei e comecei a jogar futebol em quadras, campeonatos amadores. Como eu tinha muitos amigos e meu pai também tinha um time eu peguei amor pela modalidade”, conta o atual presidente do Gervasio FC, que tem o sobrenome da família. Além das quatro linhas, Wellington relata que já viu vidas sendo salvas através do futebol amador. “Vi pessoas que passaram por problemas familiares, de perdas de amigos e parentes, que através do esporte conseguiram força e ânimo para viver”. Para ele, a diferença do amador para o profissional é clara: você sempre vai ver em campo pessoas que você conhece. “Por mais que os grandes clubes do Brasil tenham muita torcida e movam milhões de pessoas, no futebol amador você vai ao campo e vê o seu amigo jogando, um familiar disputando o campeonato”, destaca.

O Secretário Municipal de Esportes de Ribeirão Preto, André Trindade, diz que o futebol amador é a prática livre dos apaixonados pelo esporte. “O futebol é patrimônio nacional e no caso do amador o próprio nome já descreve: feito por amor, a maior essência deste esporte”.



Paixão acima das grades e dos grandes

Crédito: Luan Porto

Depois de muitos anos, a Prefeitura de Ribeirão Preto retomou o apoio a esse futebol, e agora vai custear arbitragem, troféus, medalhas e bolas, dando uma condição estrutural para que a competição tenha respaldo. Com isso, o secretário destaca a evolução da modalidade. “A maturidade do campeonato e das equipes nos anos anteriores e o excelente nível técnico justificam tal apoio”. Com as intercorrências da pandemia de Covid-19, desde março de 2020, estão paralisados os diversos campeonatos amadores de bairro. O retorno com apoio da Prefeitura ocorreu em se-

tembro. “Esse campeonato é, por hora, a única competição com o apoio da Prefeitura e com segurança sanitária neste momento para acontecer. Estão previstas outras duas iniciativas até o fim do ano, a segunda divisão do amador e um torneio inédito de futebol feminino apoiado pela Secretaria”, afirma André. Ainda sobre essa retomada, o secretário projeta com otimismo. “O retorno é enorme para a população: entretenimento gratuito, oportunidade para prática de esporte, saúde, faturamento para ambulantes ao redor dos campos e renda para profissionais de arbitragem.” ■



Jandaia FC é um dos times mais tradicionais de Ribeirão Preto.

Crédito: Luan Porto

63

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /

TORCEDORAS FIÉIS



Vitória Quintero Conrado

As mulheres também gostam de torcer e gritar em jogos de futebol. A torcida feminina está cada vez mais presente nos jogos, expressando a paixão pelos times do campeonato de futebol amador de Ribeirão Preto (SP)

Os torcedores sempre estão na beira do campo, faça chuva ou sol, principalmente quando se fala do futebol amador em Ribeirão Preto. Possuem um carinho especial pelo time do bairro e essa identificação não fica restrita só aos homens. As mulheres estão cada vez mais envolvidas na torcida por seus times, choram e comemoram cada jogada e principalmente em cada gol. A torcedora do Vila Virgínia F.C, Fabiana Cristina Barboza, 42 anos, acompanha o time do coração há quase seis anos e conta que além da união e do amor na hora da torcida, ela gosta de se sentir confortável para elogiar e criticar o time como uma grande família. Fabiana também afirma que a torcida feminina cresceu nos jogos e junto com isso o respeito dos homens que dividem a paixão e as comemorações. Ela ainda ressalta que “a mulher tem que estar presente em todo o lugar que couber e a gente faz a diferença dentro e fora dos campos”.

Outra torcedora que sempre está envolvida com seu time do coração é Andreia Ruiz dos Santos, de 31 anos, que

64

BUZZ /
UNAERP /
CULTURA /



Torcedoras do Vila Virginia não perdem os jogos do time



Torcedores do time Jardim Paulista F.C comemorando a vitória no campeonato de 2021



dedica os domingos há aproximadamente cinco anos para torcer pelo Jardim Paulista FC. Ela relata que a torcida feminina ganhou força e hoje atinge todo o núcleo familiar. Andreia conta que não perde um jogo, pois é encantada pela animação e a vibração que sente e que a torcida feminina faz toda a diferença nos dias de jogos. “É maravilhoso participar de algo tão animado e intenso”. Além de torcer, Andréia é a organizadora da torcida feminina do Jardim Paulista, e dos eventos do time, fazendo os produtos para os torcedores, bonés na cor rosa, bodys para as mulheres com o emblema e bijuterias com as cores do time.

Aline da Silva Cravo de 39 anos é torcedora do Vila Virginia há aproximadamente três anos e durante esse tempo passou a tradição para seus dois filhos que também não perdem um jogo do time do coração. A torcedora conta que se sente bem indo às partidas. Além da expectativa do resultado do jogo também é uma forma da família ficar mais unida. Aline ressalta a importância da torcida feminina em

todos os esportes e que não tem diferença de esporte só de homem ou só de mulher. “Sem essa (história) de só homem ir ao futebol. A inserção da mulher é importante sim, não só na torcida, como no campo e também em todas as modalidades de esporte”, afirma a torcedora do Jardim Juliana.

A diretora e torcedora do Jardim Paulista F.C, Ana Marcia de Aguiar, de 46 anos, acompanha o time desde 2017 e diz que como torcedora o que mais gosta é a alegria e vibração contagiante da torcida. A quantidade de mulheres que torcem aos domingos vem aumentando. Já como diretora do time, Ana afirma que a torcida feminina é superimportante para o time. Além de fazer diferença na hora do jogo, também torna o futebol, seja ele amador ou profissional, um ambiente familiar e que sempre é bom a presença feminina em todos os lugares e esportes. O campeonato de futebol amador, denominado “Copa Tonin”, hoje é organizado pela Liga Metropolitana de Futebol. Os jogos acontecem aos domingos pela manhã em sete campos da cidade. ■

DIVERSIDADE É UNICIDADE

Marina Parada Silva

A diversidade sempre existiu. Pessoas são diversas, objetos, comidas, frutas — tudo tem diversidade. Desde que se inventou a escrita, quando foi possível relatar em símbolos e posteriormente em palavras, apontamos o que difere. Mas a questão maior é: o que difere de quê? Existe, de fato, algo referencial e exemplar para o resto ser diferente? Cada coisa no mundo é única.

Da mesma forma e na mesma proporção, vidas e histórias são únicas, cada uma em uma área da vida. Nos esportes, como a paixão pelo futebol amador ou a história do Skate, em Ribeirão Preto. Recortes que contam a história e a vivência de centenas ou milhares de pessoas que dedicam seu tempo a uma atividade e constroem suas crenças em cima disso.

Quando pesquisamos e buscamos, encontramos baús cheios de memórias e histórias como a da Amélia, que, com muita vontade de viver e vencer, se tornou uma mulher líder nos anos 1950, que com sua autenticidade e garra, inspirou e ainda inspira mulheres a batalhar por suas vontades e desejos, como o da arte, da música, um olhar feminino para a diversidade artística e cultural da cidade.

O ato de aprender a enxergar a vida na sua forma mais colorida e presente possibilita o crescimento intelectual e mental. Saber o que se passa na música, na política, no âmbito sustentável e suas vertentes como um ganha-pão, a comunicação, a fotografia, os movimentos negros e LGBTQIA+, que lutam pelo que alguém disse que é diferente, diverso, errado.

Se manter atualizado é entender que diversidade, na verdade, é unicidade. É descobrir um mundo de possibilidades e perceber que cada caminho é único e próprio. Quando alguém chega a esse nível de compreensão, qualquer tipo de preconceito vai embora. Se manter aberto é fundamental para viver e sobreviver no mundo. Compreender culturas, modos, lares, habitat, sabores e texturas — algo que deveria fazer parte do cotidiano de todo ser humano. Que sejamos únicos na maneira de ver, viver e sentir o mundo.

A INTENSIDADE DA DIVERSIDADE

Vinicius Botelho

Cercada por uma interpretação ruim e muita repressão ao longo dos anos, a diversidade conquista seu espaço e se mostra como característica fundamental na construção de uma sociedade saudável e acolhedora. Ser diferente é inerente ao ser humano, é um fardo leve e que por muitos anos foi considerado como pesado e inarredável. Muitos personagens históricos tentaram ao máximo nos mostrar isso e mesmo depois de tanto tempo, hoje no século 21, ainda não aprendemos da maneira certa — e nem temos previsão para aprender totalmente.

Joana D'Arc, Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, Malcom X, Martin Luther King, Frida Kahlo, Dandara dos Palmares, Marie Curie, Simon Nkoli são algumas figuras históricas que dedicaram a vida em prol da mudança. Agiram para um mundo melhor, onde pudessem ser quem eles quisessem e, mais importante, agiram para que o mundo deixasse a porta da diversidade aberta. Lutaram para que as novas gerações fossem livres para desfrutar dos sabores da vida sem tantas barreiras e obstáculos criados pelo preconceito. Vidas são interrompidas e histórias terminam sem o devido fim digno por culpa do veneno mortal produzido pelo preconceito — vide Marielle Franco, George Floyd, João Pedro e Luana Barbosa, alguns dos símbolos desse massacre que vivenciamos.

A diversidade existe para reforçar o espaço de todos dentro de uma sociedade. É ela quem nos mostra que todos estamos aqui por um motivo: ser quem nós realmente somos. Acordamos e seguimos em frente, dia após dia, para a nossa história ser escrita da maneira que nós quisermos. Enquanto cada um de nós não for aberto à diversidade, aceitá-la e nos esforçarmos minuto a minuto para que ela seja respeitada na sua forma mais pura e enraizada, a vida de bilhões de pessoas estará comprometida e não será escrita da maneira que deveria ser por direito. Somos osso, somos carne, somos sangue. Todos. Nunca podemos nos esquecer que toda vida tem a mesma origem e mesmo destino. O caminho de cada um é escrito com uma história linda e que, em nenhuma hipótese, deve ser comprometida por interferências fúteis e ilógicas, como é o caso do racismo, da xenofobia, da misoginia, do preconceito e da homofobia.

Viva a diversidade! E que viva com saúde, com muita força e onipresença na vida de cada ser humano, na vida de cada família, na vida de cada milímetro existente nessa imensidão que chamamos de universo. Que cada pessoa possa sonhar, possa acreditar que o sol vai nascer a cada dia mais e mais quente e acolhedor. Que o céu fique azul a cada dia que se passar. Eu desejo a você, do fundo do meu coração, diversidade!

66

JORNALISMO DE EXCELÊNCIA, UMA TRADIÇÃO UNAERP

PADRÃO MUNDIAL DE ENSINO COM A ESTRUTURA DE UMA UNIVERSIDADE.



RÁDIO UNAERP
Programa de rádio ao vivo



LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA
Jornalismo impresso e online



LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA
Fotojornalismo



LABORATÓRIO DE TELEVISÃO E TV UNAERP
Canal 10 da NET

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br
para conhecer os projetos e as produções
dos alunos nas diversas áreas de atuação.

RE- PENSE O MUNDO



**PROCESSO SELETIVO
SEMESTRAL**

**INFORME-SE
UNAERP.BR**

GRADUAÇÃO

- Administração
- Arquitetura e Urbanismo
- Ciências Farmacêuticas
- Direito
- Educação Física
- Enfermagem
- Engenharia Civil
- Engenharia da Computação
- Engenharia de Produção
- Engenharia de Software
- Engenharia Química
- Fisioterapia
- Jornalismo
- Medicina
- Nutrição
- Odontologia
- Psicologia
- Publicidade e Propaganda
- Relações Internacionais

CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA

- Ciências de Dados
- Design de Interiores
- Estética e Cosmética
- Jogos Digitais

UNAERP DIGITAL - EAD

- Administração
- Ciências Contábeis
- Pedagogia
- Serviço Social
- Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos



UNAERP.BR

● Campus Ribeirão Preto
0800 771 8388 [f /universidadeunaerp](https://www.facebook.com/universidadeunaerp)

● Campus Guarujá
0800 773 7760 [f /unaerpcampusguaruja](https://www.facebook.com/unaerpcampusguaruja)